

NÚMERO 4 | JULHO 2020

revistapandava.pt

# pandava

ह इहोहवेतराह वेह नवेह

## A CONQUISTA DE DRAUPADI

*A conquista de Draupadi*

*A origem e o significado dos Mantras*

*O mistério de Buddha e Adi Shankara*

*O princípio septenário no Esoterismo*

REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

# CONTEÚDOS

## 3 A CONQUISTA DE DRAUPADI

Por José Carlos Fernández

*Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal*

## 7 A ORIGEM E O SIGNIFICADO DOS MANTRAS – 3ª PARTE

Por Ricardo Martins

## 13 A TARTARUGA NO RITUAL VÉDICO – 2ª PARTE

Por Ricardo Martins

## 18 A FRAGMENTOS DE YOGA VASISHTHA

## 24 GANDHI: A FORÇA ÉTICA DA AÇÃO NÃO PASSIVA

Francisco Sánchez

## 29 HINO VÉDICO ÀS RÃS, MAIS DO QUE UM SARCASMO

(CIII do Livro ou Mandala 7 do RIG VEDA)

Por José Carlos Fernández

*Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal*

## 34 O MISTÉRIO DE BUDDHA E ADI SHANKARA

Por Hélio de Orvalho

## 40 O PRINCÍPIO SEPTENÁRIO NO ESOTERISMO

Por Helena Petrovna Blavatsky

## 47 RAMAYANA

Por José Carlos Fernández

*Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal*

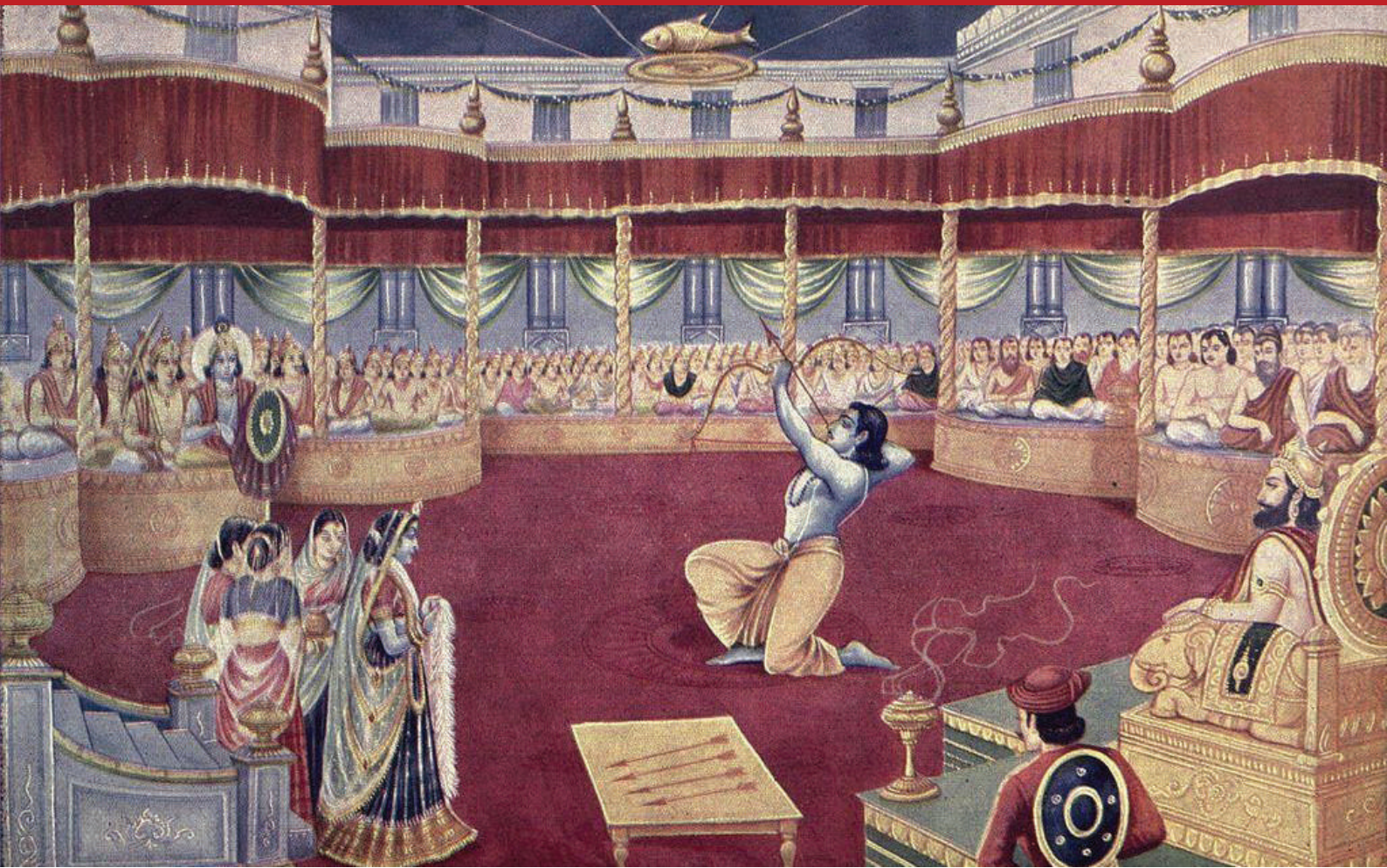
(Continuação do artigo: O Rishi Vashishta e a Vaca que outorga todos os desejos. Publicado na revista Pandava III)

## 53 RAMAYANA: A LENDA DO PRÍNCIPE RAMA

Por Cleto Saldanha

## 62 YOGA: A CIÊNCIA DA ALMA

Por G. R. S. Mead (1863 – 1933) – 3ª Parte



A Escolha de Draupadi. Public Domain

# A CONQUISTA DE DRAUPADI

Por José Carlos Fernandez

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

Uma das cenas mais emotivas do Mahabharata é quando o herói Arjuna conquista, numa competição entre Kshatryas, a princesa Draupadi, a “nascida do fogo”. Está narrada no Adi Parva, no livro 12, chamado *swayambara*, que significa, precisamente “escolha do marido”. Os reis foram convocados pelo rei Panchala para desposar a sua filha. Só aquele que consiga usar o arco mágico e lançar com êxito cinco flechas ao olho de um peixe que se move numa roda no alto, terá esse direito. Apesar de no Mahabharata não se especificar, pelo menos não neste capítulo, o aspirante deve fazê-lo sem olhar diretamente para o dito artifício, mas apenas para uma imagem refletida num espelho de água.

Descreve-se como todos os reis são humilhados na tarefa, incapazes sequer de armar o arco prodigioso, e caem, de joelhos e exaustos do esforço. O único que consegue é Karna, filho do Sol (Surya), inimigo, e sem sabê-lo, irmão dos 5 Pandavas, mas a “eternamente jovem”<sup>1</sup> rejeita-o por ser de uma casta inferior<sup>2</sup>, e ele pousa o arco envergonhado.

Depois de Karna, o arqueiro mais excelso da época, mais ninguém ousa tentar.

1 Nityayuvani, literalmente “eternamente jovem”, “que não pode envelhecer”, um dos nomes de Draupadi.

2 Apesar de na realidade ser filho de um Deus e uma princesa Kshatrya, foi abandonado ao nascer e criado por um cocheiro.

Depois de os Kurus tentarem assassinar os Pandava no palácio de Laca, queimando-os, estes fugiram, fazendo crer aos seus inimigos que estavam mortos. Vagueavam pelo bosque, juntos, disfarçados de brâmanes. É nesta condição, e esgotadas as tentativas dos Kchatryas, que Arjuna dá um passo em frente e pede permissão para tentar. Isso produz comoção nos reis, pois se eles não o haviam conseguido, como um brâmane podia ter a audácia de tentá-lo?

A cena, no Mahabharata dura umas 3 páginas, e na última versão televisiva, de 2013 e 267 capítulos, mais de meia hora, com uma grande tensão dramática.

De grande importância terá de ser o simbolismo numa cena tão chamativa. E de um simbolismo polivalente.

De certa perspectiva, talvez, sendo a belíssima Draupadi a Luz Espiritual, Budhi, e daí o nome



Exílio dos cinco Pandavas, acompanhados por Draupadi. [Wikimedia Commons](#)

Arjuna prepara o arco num piscar de olhos e lança certas as 5 flechas no olho do peixe, que cai ao chão.

Os reis, irritados lançam-se sobre o rei anfitrião, porque é ofensivo fazê-lo sobre um brâmane, mas Arjuna e Bhima defendem-no como encarnações do Deus da Guerra, até que Krishna, que sabia quem eram, mas não o disse, acalma a multidão.

de Krishná<sup>3</sup>, e Arjuna a consciência humana – aprisionada entre a matéria e o espírito – a conquista de Draupadi significa a conquista da Mente Superior (Manas, ou seja, a Mente iluminada pela Luz Espiritual, como no termo budista Bodhichitta). Draupadi é a virgem nascida do fogo, e converte-

<sup>3</sup> De cor “azul escuro” como a noite, cor muitas vezes associado ao amor e à sabedoria como no Hino à Noite de Novalis.

-se no sentido da vida e da alma dos 5 Pandavas. Casa-se com os 5, que atuam sempre em perfeita harmonia, como os dedos de uma mão.

Segundo esta perspectiva o PEIXE representa ao planeta Vénus, a essência da Beleza e da Mente para percebê-la, e do Amor que nela desperta. Na estância VII, sloka 5 da Cosmogênese de H. P. Blavatsky (possivelmente os textos de Kalachakra) diz-se:

*“Ela – a chispa de Eternidade na Alma Humana – viaja através dos Sete Mundos de Maya. Detém-se no primeiro e é um Metal e uma Pedra; pára no segundo e será convertido numa Planta; a Planta passa por sete modificações e torna-se um Animal Sagrado. Dos atributos combinados de todos eles, surge Manu, o Pensador. Quem o forma? As sete vidas e a vida Una. Quem o completa? O Quíntuplo Lha. E quem aperfeiçoa o último corpo? Peixe, Pecado e Soma...”*

PEIXE é Vénus, que rege a mente pura e iluminada. PECADO é a condição da alma encarnada, ou seja, a mente impura, o Ahamkara, a raiz do egoísmo. SOMA é a condição lunar ou material da personalidade, incluindo todos seus elementos físicos, vitais e psíquicos.

Como um peixe que cintila no mar, também o faz o planeta Vénus no mar sem margens do espaço. Recordemos também que na Astrologia, Vénus esta exaltado em Peixes, o signo da dissolução e do acesso ao espiritual. Fazer com que o Peixe baixe à Terra é um símbolo semelhante à descida do Fogo de Prometeu, ou melhor, a conquista da condição divina que permite a Hércules libertar o Titã encarcerado. As cinco flechas podem ser a vitória da vontade e o pensamento sobre os cinco sentidos, todos unificados na mente. O deus Kama, do Amor, é o das flechas floridas. O que conquista tal condição é tanto sábio como guerreiro, como o próprio Arjuna, que sendo Kchatrya leva as vestes de um brâmane.

Ter que apontar a imagem do peixe no espelho, é também muito sugestivo, pois é no espelho de nossa mente limitada donde se reflete este Fogo espiritual que representa o Peixe, e só perfeitamente calmo pode ser útil ao caçador de Sonhos impossíveis. Assim como refere a mesma H. P. Blavatsky:

*“A percepção de todo o ato exterior pode ser, como já demonstramos, na melhor das hipóteses, só uma verdade relativa; um raio da verdade absoluta pode refletir-se unicamente no espelho imaculado de sua própria chama, a nossa consciência Espiritual superior.”*



Draupadi humilhada na corte de Virata. Domínio Público

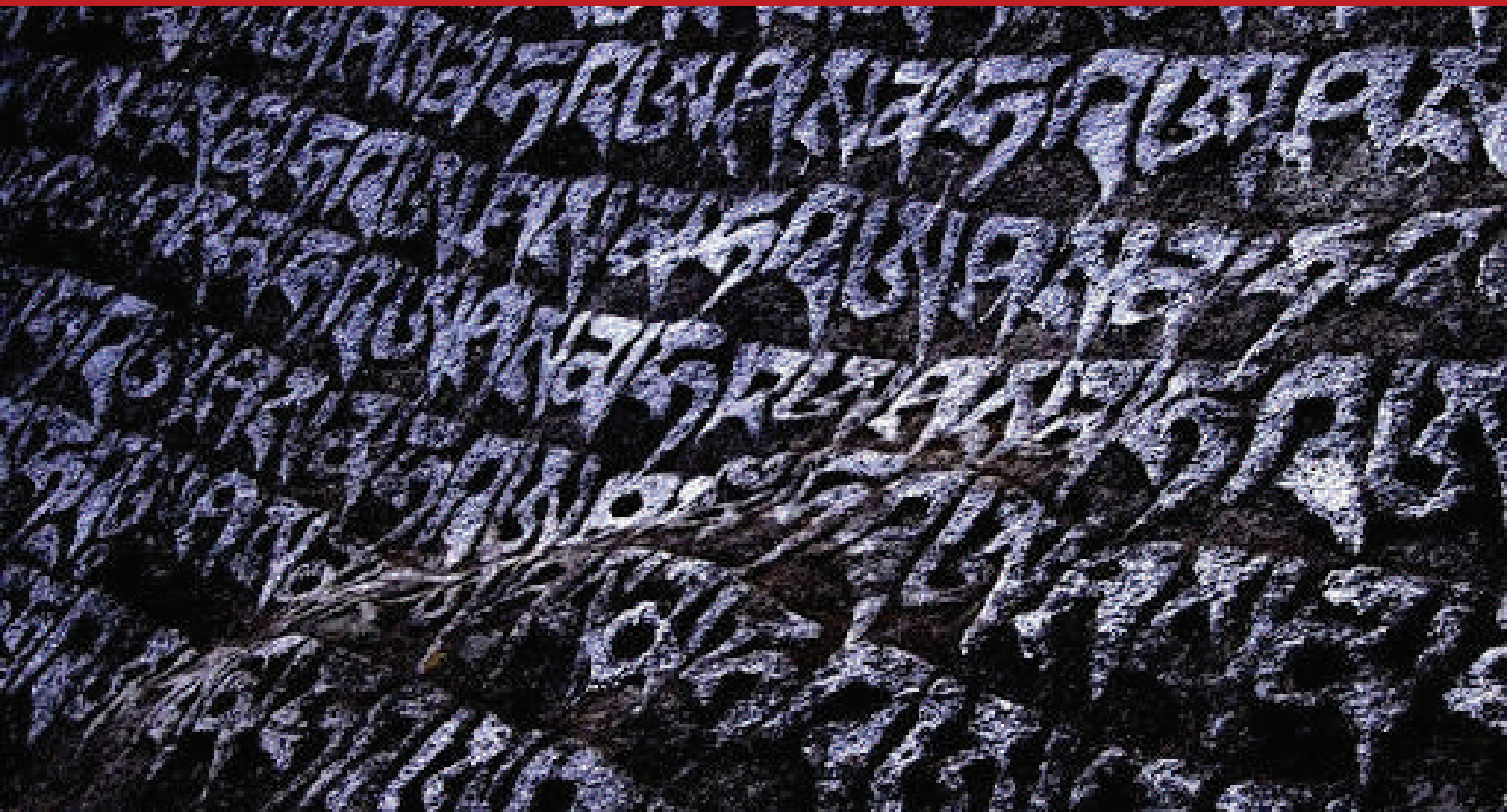
Mas noutra chave do significado é exatamente o contrário. Draupadi, vestida geralmente de vermelho, e como o fogo, é a “vida encarnada” da personalidade. É por ela e pela necessidade de vingar as ofensas nelas vertidas que atua o Karma, ou seja, que começa a grande guerra que vai destruir quase toda a vida no kurukshetra, o campo de batalha. “Eternamente jovem” porque a vida material é realmente assim, ainda que os veículos nela sejam cada vez mais ineficazes. Associada à atividade dos sentidos, e isto seria o que significaria as 5 flechas, o desejo de existir que liga a mente ao reino da necessidade. Vida imperecível a qual nunca veremos na sua verdadeira nudez, e a quem ofende uma e outra vez o jogo de dados que simboliza o

destino. Por ela a mente – representada pelos cinco Pandavas – entra na vida para redimir-se e continuar a aprendizagem com base na experiência e na purificação.

Neste caso o peixe que morre com os seus olhos penetrados por cinco flechas, e cai, sobre a terra, é a alma divina que deixa de agitar-se livre num mar de beleza e mistério e sucumbe vítima dos cinco sentidos. E nesta versão, talvez como no original do Mahabharata, não é olhando no espelho, mas diretamente tal como é ferido pelas flechas de Arjuna, pela necessidade de Ser que força a evolução da alma humana, e que faz com que caia como a chuva para abençoar a terra com os seus frutos.



Morte de Draupadi quando os 5 Pandavas ascendem à montanha, seguidos pelo deus Dharma sob a forma de um cão.  
Wikimedia Commons



Mantra escrito numa rocha no Nepal. Creative Commons

# A ORIGEM E O SIGNIFICADO DOS MANTRAS – 3ª PARTE

*Por Ricardo Martins*

Existem igualmente relatos de *mantras* utilizados em competições entre poetas-videntes, descritos como uma batalha real, muito semelhante àquilo que entendemos na cultura Grega por banquete ou *sympósion* «beber em conjunto», não apenas o vinho, mas sobretudo a verdade. Aqui o vinho serve de analogia, já que, durante um banquete, este se vai servindo cada vez mais forte, na medida em que a verdade se define cada vez mais, por meio de uma competição de filósofos, até que um filósofo, ou a sua visão da verdade, saia «vencedor». Ser-se verdadeiro durante uma competição poética é ser-se capaz de revelar os mistérios do universo,

os mistérios da vida humana, a forma como estes mistérios são ritualmente expressados, compreendê-los e manipulá-los por forma a que sejam úteis à compreensão dos homens. Esta preocupação está presente de forma magistral em alguns hinos, como no 4.5.6:

*Quem sou eu para descrever [o que és] ó Agni,  
Tu que sobre mim – e eu não violarei [esta  
compreensão] –*

*depositaste corajosamente o pesado fardo, esta  
compreensão (manman) tão elevada e profunda,*

*esta nova questão com sete significados para ser [por mim] oferecida (explicada)?*

Curiosamente os sete versos seguintes destes hino descrevem, de forma muito velada, o que é este fogo (Agni) visto de sete perspectivas (do fogo material ao fogo espiritual), e no 7º, i.e., no 4.5.13, volta-se à dúvida:

*Qual é o poste de sinalização? Qual é a direcção? Qual é a meta?*

*Queremos ganhá-la como os cavalos de corrida [querem ganhar] o prémio final.*

*Quando é que as auroras, as divinas esposas da imortalidade,*

*se estenderão sobre nós com a cor do sol?*



Deus Agni sentado sobre um carneiro. Creative Commons

Agni está especialmente relacionado com o mantra pelo facto de ser o único deus que conhece ambos os mundos, estreitando o abismo que separa os homens dos deuses. Ou se preferirmos, o fogo que cada homem possui para que ele próprio seja capaz de estreitar o abismo e de elevar-se «de olhos abertos» ao mistério. Esta ideia da verdade poder ser encontrada com o pensamento e discurso do coração, faz com que, mitologicamente, Agni esteja associado mais com os esconderijos do mundo, e menos com os esconderijos do céu. O verbo *mantray* significa um acto de juramento ou compromisso, o que nos leva a crer que estas verdades encontradas pelo pensamento e reveladas pela palavra, constituíam uma verdade que nunca deveria ser «questionada», mas sempre praticável. Captar-se uma verdade subentende colocar-se ao serviço da mesma.

Mas nem todos os mantras têm um significado óbvio, alguns parecem limitar-se a lidar com «poderes» sonoros com o propósito de gerar ritmos como, e meramente a título de exemplo, o seguinte que se encontra no *Jaiminīyāranyageyagāna* 12.9:

*hā bu hā bu hā bu bhā bhaṃ bhaṃ bhaṃ  
bhaṃ bhā bhaṃ bhaṃ bhaṃ bhaṃ bhā  
bhaṃ bhaṃ bhaṃ bhaṃ,*

*hā bu hā bu hā bu brahma jajñānaṃ  
prathamam purāstāt,*

*vi sīmatas suruco vena ā vāt,*

*sa budhniyā upamā asya vā yi sṭhāḥ,*

*sataś ca yonim asataś ca vā yi vaḥ,*

*hā bu hā bu hā bu bhā bhaṃ bhaṃ bhaṃ  
bhaṃ bhā bhaṃ bhaṃ bhaṃ bhaṃ bhā  
bhaṃ bhaṃ bhaṃ bhaṃ,*

*hā bu hā bu hā bu vu vā,*

*brahma devānām bhāti parame vyoman  
brahma devānām bhāti parame vyoman  
brahma devānām bhāti parame vyomān.*

Isto explica a definição que H.P. Blavatsky nos dá de um *mantra* enquanto conjunto de palavras que, quando pronunciadas, geram determinadas vibrações e produzem determinados efeitos. Nos *mantras* tântricos, alguns destes sons sem significado são dirigidos a partes específicas do corpo, sempre no caso dativo, como nalguns exemplos do *Mahānirvāṇatantra*:

*hrām (?) [ao coração] namaḥ «saudações»;*

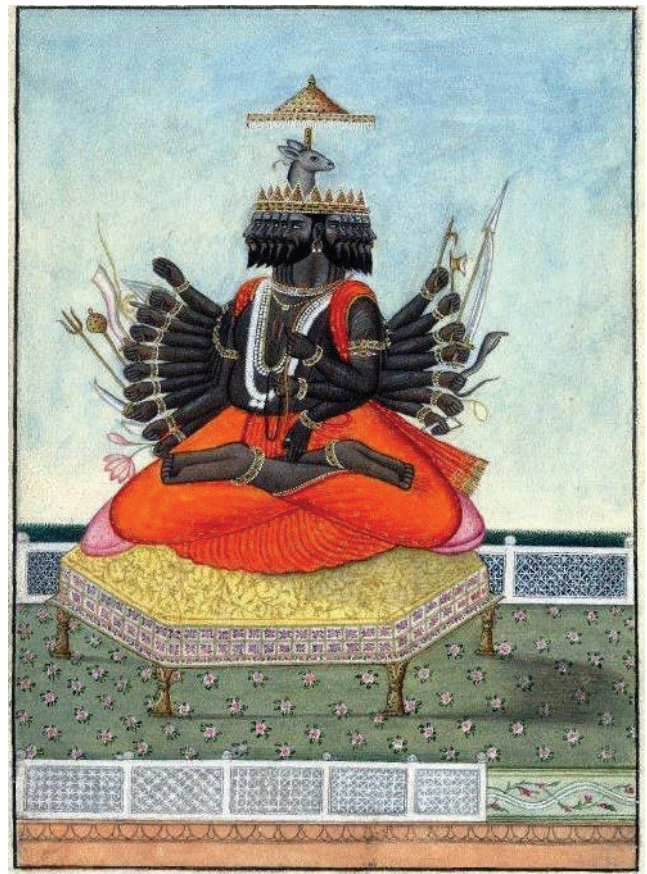
*hrīm (?) [à cabeça] svāhā (afirmação);*

*hrūm (?) [ao topo da cabeça] vaṣat «que ele leve?»*

*hraiṃ (?) [aos braços] hum*

*hrauṃ (?) [aos três olhos] vauṣat «que ele leve?»*

*hraḥ (?) [às palmas das mãos] phaṭ (exclamação)*



Ravana. Wikimedia Commons

Como aparece na obra anónima do séc. XIX, O Sonho de *Rāvaṇa*:

*Hraṃ! Hrām! Hrīm! Hrauṃ!*

*Klīṅ!*

*Yuṣmābhiḥ Mohanaṃ bhavatu!*

*Glaum!*

*Sammohanaṃ bhavatu!*

*Spheng!*

*Parimohanaṃ bhavatu;*

*Sphing!*

*Kṣrang! Kṣrāṅ! Kṣring! Kṣrung!*

*Kṣreng! Kṣraing! Kṣrong! Kṣraung!*

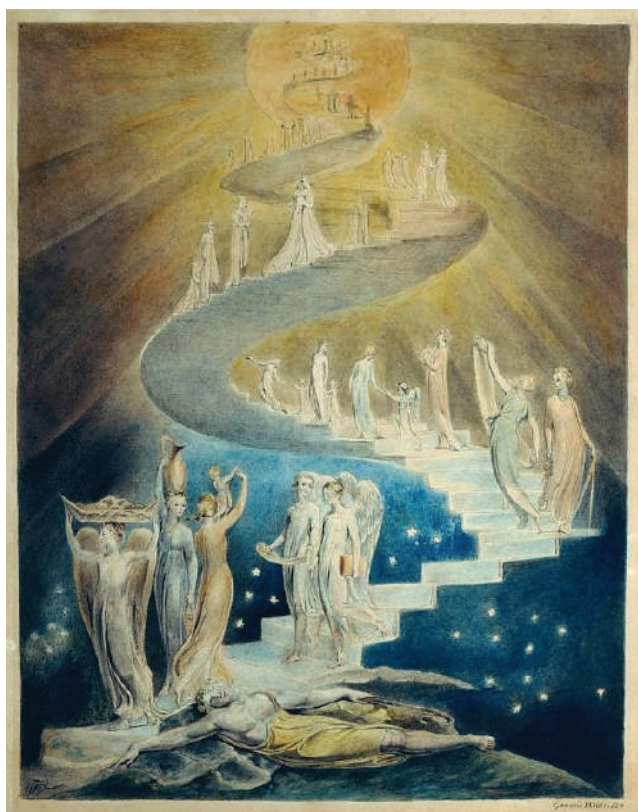
*Svāhā?*

*EI! PHNPHJ!*

*Phaṭ!*

Ou identificam-se partes do corpo com os 50 caracteres Sanscríticos, i.e., o conjunto de letras de «a» a «kṣa», que permitem o discurso. Por este motivo, os *mantras* foram popularmente utilizados para doenças e exorcismos. Isto tem na sua origem a relação que existe entre os caracteres Sanscríticos e o sistema ósseo. Na realidade, o Sânscrito conta com 47 letras. Destas 47, 14 são vogais e 33 são consoantes. Estas 14 vogais relacionam-se, e a título de exemplo, com os ossos do crânio. O crânio conta com 22 ossos, 8 superiores e 14 inferiores, i.e., os 8 ossos neuro-cranianos e os 14 ossos do esqueleto da face. Estes 22 ossos enquadram-se igualmente no simbolismo dos 22 caracteres do alfabeto Hebraico e nos 22 Arcanos maiores do Tarot, por exemplo, e representam uma belíssima forma de compreendermos o «pensamento» humano e a sua expressão. Efectivamente, também os Egípcios tiveram 14 dinastias e os Hindus contam 14 períodos «históricos», os Manvantaras. Mas o Sânscrito vai ainda mais longe. É que se este conta com 14 vogais,

que são as 14 formas de tornar as consoantes sonoras, os 14 ossos da face, inferiores ou da manifestação, contamos também com 8 ordens de consoantes. Sabemos que é impossível ler-se uma consoante sem o auxílio de uma vogal, como tal, toda a consoante expressa uma «ideia» que precisa de um veículo que a «manifeste». Estas 8 ordens de consoantes são: (1) as Guturais; (2) as Palatais; (3) as Cacuminais (ou Retroflexas); (4) as Dentais; (5) as Labiais; (6) as Semivogais; (7) as Sibilantes; e (8) as Aspirantes. É por estas 8 ordens que se dispõem as 33 consoantes Sanscriticas. O número 33 é também o número de vértebras que temos, o número de Devas na mitologia Indiana, os 33 degraus por onde descem e sobem os Anjos na Escada de Jacob, bem como outras relações misteriosas. Da mesma forma, se observarmos a mão humana, veremos que os 5 dedos compõem 14 ossos ou falanges e que são 8 os ossos do carpo (punho) que unem a mão ao antebraço. Uma vez mais, estes expressam a «ideia» e a sua «aplicação».



A escada de Jacob. William Blake. Domínio Público

Mas, analogias à parte, o sentido original do *mantra* terá sido a transmissão do seu significado e não apenas o seu som, pois, como vemos no Nirukta 1.18: «Aquilo que é meramente vocalizado sem ser compreendido/como a madeira seca sem fogo, nunca acende.» Mesmo o *mantra* Tântrico tem de ser, efectivamente, compreendido, como nos diz Kumārilabhaṭṭa (*Tantravārttika* 1.143-144). O *mantra* torna-se perceptível assim que é lido ou pronunciado, pois é gramatical e tem um significado, no entanto, durante um ritual, um *mantra* pode ser recitado devido ao seu significado ou devido ao seu som, podendo ser lido como um «ruído» aparentemente *sem significado*. A linguagem Védica é em si mesma *śruti* «[aquilo que é] ouvido», uma palavra divina que foi ouvida ou captada. Aquele que está autorizado a recitar um *mantra* deve ter em conta o conteúdo do mesmo e o contexto onde o faz, bem como ter determinados pré-requisitos como a purificação, uma moral adequada, capacidades práticas, uma base intelectual apropriada e o estatuto de «iniciado» numa tradição esotérica. Quando o significado de um *mantra* não é compreendido, isto não quer dizer que não tenha significado, mas sim que quem o lê ou escuta o ignora. Bhartṛhari (no *Vākyapadīya*) diz-nos que o Todo, o Brahman, é formado pela palavra (*śabda*) e que esta tem sempre significado. O primeiro *mantra*, o AUM, é a raiz de todos os outros *mantras* (1.9) e como tal, devemos recorrer ao mesmo na sua interpretação. A essência da consciência é o significado da palavra, que leva todos os seres a uma actividade com significado, pois se não existisse a palavra, nada teria significado nem alma (1.126). Só não existe significado quando não existe palavra, naquele momento em que tudo está fundido no Absoluto adormecido, ou *śabdabrahman*, «a consciência da palavra» e o Verbo criador (1.123). Mas quando o Absoluto é acordado, os significados manifestam-se através das palavras, gerando conhecimento e poder. No entanto, este significado pode não ser apreendido devido à ignorância ou falta de capacidade de ver o significado do *mantra* (2.332). Para Bhartṛhari a palavra, o significado e a consciência são sinónimos, pois é esta relação que permite o conhecimento e a

comunicação (1.124), pois a palavra e o pensamento desenvolvem-se em conjunto, são os impulsos espirituais de conhecer-se e comunicar-se. Por outro lado, os poetas vêm uma só verdade, mas criam vários *mantras* para que esta verdade possa ser transmitida aos demais. O poder (*kratu*) do *mantra* só está presente quando, após o entendimento de uma «visão», somos levados a expressá-la por palavras, é o mesmo que a necessidade de ensinar após a verdadeira aprendizagem. Os *mantras* expressam, por isto, uma direcção na identificação do homem com os seus princípios superiores, ou com a divindade. *Bhārṭṛhari* diz-nos ainda que aqueles sons ou palavras sem significado podem ter que ver com a tentativa de recordar palavras ditas em vidas passadas, onde se procura identificar estes «sons» passados com os significados presentes na

consciência (3.1.6), ou a forma como foram ditas em determinada *infância* da humanidade, quando as palavras são ditas de forma directa, como as diz uma criança que está a aprender a falar, quando esta diz «mãe», está no fundo a dizer que quer a sua mãe, quando diz «árvore», está a dizer que aquilo é uma árvore, etc. (1.24.26) Compreendemos assim que a repetição de um *mantra* só tem interesse pelo facto de poder chegar a produzir a imagem e o significado referidos pelo mesmo, por forma a bloquear a ignorância e permitir a visão do seu significado crescente (1.142). Também deve ser repetido aos outros, pois aquele que o diz pode não o compreender, mas quem o ouve sim (1.152-154). Assim, um *mantra* tem o poder de remover a ignorância (*avidyā*), revelar o caminho (*dharma*) e gerar a libertação (*mokṣa*).

ॐ त्र्यम्बकं यजामहे  
 सुगन्धिं पुष्टिवर्धनम्  
 उर्वारुकमिव बन्धनान्  
 मृत्योर्मुक्षीय मामृतात्

O Mahamrityunjaya Mantra do Senhor Shiva. Flickr

A gramática tem como primeiro objectivo controlar o bom uso dos *mantras* e da sua pronunciação, fundamentais não só para o sucesso dos rituais, mas também para todo o tipo de conhecimento. A repetição dos *mantras* torna-os em instrumentos de poder no sentido em que quanto maior é a dificuldade que enfrentamos, maior a necessidade de repetirmos ideias elevadas que possam constituir uma resposta, que encontramos interiormente e que constituem a superação do mesmo. (1.14) Vemos o mesmo no comentário de Vyāsa ao *Yogasūtra* de Patañjali (*Bhāṣya* 1.28), onde a repetição de um *mantra*, quando o seu significado é compreendido, treina a mente na arte de dirigir-se no mesmo sentido que a verdade pronunciada, tornando-a penetrante e una com ela. Bem sabemos que uma palavra tem uma determinada vibração, que evolui em conformidade com a forma com que a utilizemos, e neste sentido, torna-se óbvio, que as palavras com maior antiguidade ou tempo de utilização possuam aquilo a que poderíamos chamar de um poder maior ou menor, positivo ou negativo, como nos exemplos fáceis da palavra «amor», «bem», «belo», «justo», etc., que quando utilizados numa frase geram sobre a mesma uma descarga eléctrica especial. Quando estas palavras são veículo de significados muito

precisos, em conformidade com o contexto mais ou menos perceptível em que são utilizadas, geram igualmente a vibração daquilo que estão a simbolizar. Se falamos do sol como origem da verdade, a palavra «sol» não arrasta consigo apenas o que o sol nos suscita, mas também a força que têm os conceitos de «bondade», «divindade», «conhecimento», «verdade», etc. Assim sendo, não é que os *mantras* não tenham significado, como teimam em dizer alguns dos mais sonantes nomes da Academia, ou que tenham apenas de ser repetidos estupidamente, como faz um gravador, sem que por isso evolua a um modelo superior. Nós não somos gravadores, na pior das hipóteses, somos um rádio, como o que levamos nos carros, se nos sintonizarmos bem com o Bom, o Belo e o Justo, até poderão passar por nós, alguma vez na vida, melodias tão maravilhosas como as da obra de um Mozart, se sintonizarmos mal, pois, passará tudo e mais alguma coisa, ruído, sim, e coisas sem significado. Neste contexto diremos o seguinte, um *mantra* é a nossa vontade, um corpo, um braço e uma mão postos em movimento, os dedos que se articulam para sintonizar uma frequência cada vez mais pura e elevada, que nos permita ouvir aquilo que um dia poderemos repetir aos demais: uma verdade.



Tartaruga Réptil Carapaça. Pixabay

# A TARTARUGA NO RITUAL VÉDICO – 2ª PARTE

*Por Ricardo Martins*

A forma da tartaruga é recorrentemente identificada com os três mundos: a carapaça inferior é o mundo terreno, a carapaça superior é o céu, e aquilo que está entre as duas carapaças é a atmosfera, ou que «a tartaruga é o céu e a terra» (*dyāvāprthivīyaḥ kūrmaḥ*).

Assim, a tartaruga está igualmente relacionada com o sol, já que o sol se arrasta lentamente pelos três mundos na forma de uma tartaruga, representando, a passagem do tempo.

No *Vājasaneyisaṃhitā*, a tartaruga é chamada de «senhor das águas». Isto porque, na mitologia, a tartaruga está geralmente associada a Varuṇa, o deus das águas, representando-o sob o epíteto de «senhor das águas».

O nome *kūrma* é sinónimo de *kaśyapa*. Ambos são identificados com *Puruṣa*, que foi sacrificado pelos primeiros deuses para que se criasse o universo, os deuses e os homens. *Kaśyapa* é referido como pai de todas as criaturas e tem um papel importante

na concepção genealógica védica, representando a fertilidade e a estabilidade do mundo. Kaśyapa tem qualidades semelhantes às de Prajāpati, enquanto deus criador, que criou todos os seres, assumindo a forma de uma tartaruga. Como tal, é-nos dito que todas as criaturas descendem da tartaruga e que a tartaruga é o sopro vital que deu vida a todas as criaturas.

No *Taittirīyāranyaka*, num diálogo entre Puruṣa e Prajāpati, diz-se que Puruṣa apareceu nas águas sob a forma de uma tartaruga, gerado a partir dos ossos e sangue de Prajāpati. O que relaciona o processo de criação com aquele sacrifício ritual.

Este mito está em relação com os vários mitos cosmogónicos védicos. Por vezes, a terra resulta de um processo de coagulação, outras vezes surge de um ovo que está relacionado com a coagulação das águas ou do criador, ou então, de um javali que trouxe lama do fundo do mar, formando a terra.

No *Jaiminīyabrāhmaṇa*, conta-se que a tartaruga Ākūpāra (*ākūpāra kaśyapa*) desceu com os Kaligandharvas (seres mediadores) para o oceano, procurando nele um local firme (*pratiṣṭhā*) onde pousar. Assim, ela encontrou um local firme, que era a terra, e os Kaligandharvas pousaram na

sua carapaça. A tartaruga Kaśyapa, de dimensão ilimitada, é a tartaruga cósmica que encontra a terra no oceano.

Na mitologia pós-védica, Prajāpati é substituído por Viṣṇu, e a tartaruga torna-se, assim, a encarnação do deus. No mito do revolvimento do oceano de leite, o eixo ou a vara de remexer está pousada sobre a tartaruga. O revolvimento do oceano de leite está presente no *Mahābhārata*, *Rāmāyaṇa*, e em muitos *Purāṇas*. Os deuses e os demónios remexeram o oceano de leite com a finalidade de gerar o *amṛta* (seiva, néctar da imortalidade). Para isto, *Viṣṇu* transformou-se numa tartaruga (*kūrma*) e suportou, com a sua carapaça, o monte Mandara, que serviu de vara de remexer. A serpente Vāsuki, por sua vez, foi usada como corda de remexer. Não deixa de ser curioso que as ferramentas utilizadas para o revolvimento do oceano de leite sejam as mesmas que se utilizam para acender o fogo, bem como o movimento que é exercido por uma vara vertical sobre uma base horizontal. Tendo como objetivo representar o surgimento do fogo, do calor ou do sémen, a partir da interação entre um elemento vertical e o horizontal, como sucede nas descrições do acendimento de Agni (fogo), no ritual védico.



Kurma, Domínio Público

No *Mahābhārata*, a tartaruga não é um *avatāra*. Apenas no *Rāmāyaṇa* é que esta se torna numa encarnação de Visṇu. Portanto, Kaśyapa, enquanto poder criador, deverá ter começado por representar o poder terreno, a terra, que sustinha o monte Mandara, mais tarde interpretado como forma de Visṇu. Isto porque Visṇu é, essencialmente, um deus da preservação e da continuidade.

Existe ainda uma relação etimológica entre *kūrma* e o verbo *kr-* (*karma*) «fazer», o que explica, de outra forma, a associação entre a tartaruga e a criação, enquanto projeção. Na *Bhagavadgītā*, diz-se que o sábio recolhe os seus sentidos dos objetos externos, da mesma forma com que uma tartaruga recolhe os seus membros. Representando, assim, a expansão e o recolhimento da consciência, bem como da criação. A par do altar de fogo, existe um altar em forma de tartaruga no *agnicayana*, comum a outros rituais, que é circular e elevado ao centro, semelhante a um altar circular típico, mas com um *aratni* (ângulo) virado a oriente.

De acordo com o *Baudhāyanaśulbasūtra*, num ritual onde se pretenda a elevação do homem ao mundo de Brahman, isto é, que pretenda a união entre o Eu e o Todo, deve construir-se um altar de fogo em forma de tartaruga. Isto porque ela

funciona como mensageira entre os dois mundos, ou melhor, ela é a síntese entre o céu e a terra.

Também a esposa do *yajamāna* se senta, durante o ritual, no lado ocidental do altar doméstico, que é o seu lugar habitual, sobre um assento de tartaruga (*kūrmāsana*), uma tábua de madeira em forma de tartaruga. A tartaruga mantém, assim, o seu simbolismo aquático, que se expressa aqui no feminino. A relação entre o fogo criador, a água e a tartaruga está ainda patente nalguns votos, os *agnicidvratas* (votos para o *agnicayana*), que são proclamados durante o ritual. Num deles, presente no *Taittirīyāranyaka*, lê-se o seguinte: «Aquele que constrói este fogo não deve desistir se chover; as águas são verdadeiramente imortais, e este voto é tomado para adquirir a [esfera] imortal. Ele não deve urinar nem defecar na água; ele não deve cuspir, nem tomar banho nu, pois este fogo está escondido [nas águas] e [este voto serve para] prevenir a contundência deste fogo. Este fogo não deve sair das folhas de lótus nem do ouro para prevenir um aumento do mesmo. Ele não deve comer uma tartaruga [porque] a água não contém criaturas aquáticas que lhe sejam prejudiciais; as águas [são] não-prejudiciais.» Ou seja, este ritual tem um propósito fertilizador, expresso nas águas das chuvas, mas também nas terrenas, pelas quais o sacrificador deve demonstrar, de uma forma geral, respeito e temor, para que estas não lhe sejam prejudiciais, isto é, que não o tornem, em vários sentidos, infértil. A identificação da tartaruga com o surgimento da terra deve-se essencialmente à forma da sua carapaça, que gera a compreensão do surgimento da terra a partir do mar, local que ela própria também pode habitar, que é representada pela sua carapaça em forma de colina ou, se preferirmos, ilha. As marés em torno desta “ilha” são uma visão demasiado fácil da aparição ou ocultamento do corpo da tartaruga, e a espuma, resultado da interação dos dois mundos, ainda é mais fácil de comparar com a seiva da vida, gerada pela criação e recordada no ritual.



Varuna, o Deus das águas, Domínio Público



Os 9 Devas. Creative Commons

O facto de a tartaruga poder ocultar-se dentro da carapaça e projetar-se a partir dela, bem como a sua relação com os três mundos, geram naturalmente a ideia de ciclo, em vários sentidos, entre a expansão e a contração da vida e do tempo, resultando daqui a sua relação com o tempo, o caminho e o ato de criação.

O facto de a tartaruga nascer de um ovo, auxilia na sua relação com a terra e com o sol. Se considerarmos o exemplo da tartaruga marinha que deposita os ovos em terra, dirigindo-se depois para o mar, auxilia, naturalmente, a ideia de uma tartaruga que se dirige para a água, para de lá trazer a terra, ou melhor, a vida.

Muitas outras interpretações podem, facilmente, ser feitas quanto à carapaça, que vão além do simples formato da terra e do céu. Esta carapaça pode ter formatos e padrões variados, mas encontramos-lhe recorrente a forma de um, ou mais, hexágonos, no centro elevado da carapaça. Note-se que a tartaruga que se expande a partir da sua carapaça desenha ela mesma um hexágono nas suas quatro patas, cabeça e cauda. Bastará compará-la com o simbolismo do favo da abelha, por exemplo, e com outras formas hexagonais, para lhe encontrarmos múltiplas e interessantíssimas significações. Mais curiosa ainda é a relação que se faz entre a tartaruga e o formato do globo da terra,

que é composto pela junção de duas carapaças de tartaruga, o *kūrmavibhāga* «hemisfério», já que a carapaça da tartaruga marinha é frequentemente oval, mais estreita num lado do que noutro, o que corresponde mais concretamente ao formato da terra do que a forma esférica propriamente dita.

Para terminar, não podemos deixar de, ao menos, mencionar a longevidade, a passividade, a lentidão, a aparência robusta e enrugada e as migrações da tartaruga no reino animal, que são, seguramente, aspetos vitais na compreensão da mesma, enquanto símbolo vivo da criação, da fertilidade, do tempo e da ciclicidade. Esta expressa-se ainda em muitas e admiráveis representações artísticas, que valem bem a pena serem revisitadas, como, por exemplo, na *Afrodite Ouranía* de Fídias, que repousa o seu delicado pé sobre uma tartaruga, como o toque do celeste sobre o terreno, ou em várias produções literárias, como nas fábulas de Esopo, “A Tartaruga e a Lebre”, ou a “A Tartaruga e a Águia”, esta última, especialmente, que repete, não só uma conhecida prática do reino animal, mas também a imagem do ritual *agnicayana*, onde uma tartaruga é enterrada viva debaixo de um altar com forma de ave (uma águia ou falcão) prestes a levantar voo, como se a ave levasse nas suas patas a tartaruga para o céu, arrancando-a da sua lenta evolução, elevando-a e, por fim, largando-a no oceano cósmico, de onde surgirá, uma vez mais, a vida.



Monge hindu. Creative Commons

# FRAGMENTOS DE YOGA VASISHTHA

Qualquer que seja a companhia com que possa encontrar-se quando cumpre os deveres da vida, o homem sábio controla os movimentos da sua mente. Não deve ser absorvido pelas preocupações do mundo nem ocupar-se com pensamentos relativos às coisas desta vida. À mente não se a deve deixar errar pelo extenso âmbito dos prazeres exteriores nem apegar-se aos objetos e às ações dos sentidos.

Deixa que descanse apenas em buddhi [discernimento] sem que goste de qualquer prazer se não é um prazer próprio. O homem sábio permanece completamente concentrado em si mesmo e a sua tranquilidade de espírito é comparável à firmeza de um cume dos Himalaias, imutável em todos os momentos e em todas as estações.

\*

Assim como a percepção de uma flor é acompanhada pela percepção do seu perfume, também o conhecimento de Atman é inseparável do conhecimento da mente. Como num espelho não se vê mais que uma parte dos céus que cobrem tudo, assim é o onnipresente Atman que não pode ser percebido mais do que uma parte no espelho da mente.

\*

O Espírito Supremo, não limitado pelo tempo nem pelo espaço, dá a Si mesmo, por sua própria vontade e em virtude da Sua onnipotência, as formas limitadas do tempo e do espaço. Sabe, que o mundo não tem nada de substancial, mesmo que possa parece-lo: não é mais que um vazio, apenas uma aparência criada pelas imagens e fantasias da mente.

Sabe que o mundo é um teatro de sortilégios procedente da magia de maya.

Este mundo inteiro é Brahman. O que está fora dele? De onde poderia vir?

\*

O mestre espiritual é quem, com a justeza da sua argumentação, desperta a mente indolente e adormecida e quem, continuamente, instila nela a palavra da verdade.

Primeiro servindo com diligência aos bons e compassivos gurus e, depois, graças ao raciocínio, os homens de intenção pura alcançam a luz da Verdade percebida como esplendor divino na sua mente.

\*

A mente daquele que em tudo vê Deus e permanece firme no caráter já não tem razão para flutuar segundo as variações da natureza ou as vicissitudes da fortuna. O Senhor manifesta os poderes que residem n'Ele, como o mar manifesta as ondas sem sair de si mesmo. A mente que é testemunha das

verdades espirituais e se estabelece em perfeita equanimidade sem ser afetada por acidentes exteriores, chega a vislumbrar que a luz da Verdade reside nela.

Quando há uma lâmpada, também há luz; e o sol radiante traz consigo o dia; onde há uma flor também há perfume; assim, onde está o Espírito vivo, está o conhecimento do mundo. O mundo que aparece ao seu redor é como a luz de Atman. As almas dos homens estão dotadas deste conhecimento desde o nascimento. Depois, à medida que crescem, desdobram-se no decurso do tempo na forma deste amplo bosque do mundo.

\*

Inúmeros mundos têm sido criados e destruídos desde a origem dos tempos. Neste exato momento, o número de universos existentes é inconcebível. Tudo isso pode ser imediatamente compreendido pelo próprio coração, porque os mundos criados são apenas desejos que brotam no coração como castelos no ar.

Os seres vivos evocam esses mundos no seu coração e, enquanto estão vivos, permanecem sujeitos à ilusão que eles próprios imaginam; quando morrem, evocam outro mundo que reproduz de certa forma a sua experiência, de modo que alguns mundos vão surgindo de outros, como as camadas das plantas vão nascendo umas sobre as outras.

Nem o mundo material nem esta forma de criação são verdadeiramente reais; no entanto, tanto o vivo como o morto pensam e sentem que são reais. O engano só é prolongado pela ignorância da verdade.

\*

O mesmo que a água, quieta ou em movimento, é sempre água, a sabedoria dos libertos permanece idêntica apesar do seu aspeto de mudança exterior. Esse aspeto só parece real aos olhos do ignorante.

\*



Fogos. Pxfuel

Existem dois tipos de esforço pessoal: o que está conforme a lei e as escrituras, e o que é contrário a estes ensinamentos. O que chamamos destino é apenas o eco do esforço realizado em reencarnações passadas. Na vida presente há sempre conflito entre as ações passadas e as presentes, mas em todo o momento prevalece a ação mais poderosa e determinada.

\*

A ação correta no momento presente é mais poderosa do que qualquer uma das passadas. Portanto, devemos recorrer ao próprio esforço com uma decisão inabalável e vencer o nosso suposto destino rangendo os dentes, se necessário.

\*

Um homem preguiçoso é pior que um asno. Nunca devemos nos render à preguiça, mas obstinadamente buscar a libertação, percebendo que a vida se escapa num momento. Não devemos desfrutar dos prazeres sensíveis que são como feridas infetadas e mal cicatrizadas.

\*

Aquele que crê que o destino o obriga a fazer isto ou aquilo, é um tolo que logo será abandonado pela deusa fortuna. Se perseguir a sabedoria com esforço intenso e prolongado, comprovarás que esse esforço te conduz diretamente até à realização da verdade.

\*

O fruto é proporcional à intensidade do esforço que cada um tem realizado. Esse é o sentido do esforço pessoal ou força de vontade, que os ignorantes conhecem como destino. O que uns chamam destino e outros poder divino (daivam), não é mais que o resultado das nossas ações. Mas debes ter em conta que o esforço presente é muito mais poderoso do que o passado. Aqueles que se conformam com os frutos de ações passadas, acreditando que são irremediáveis, são uns insensatos que não conhecem a verdadeira força da vontade pessoal.

\*

Devemos nos concentrar no próprio esforço que conduz à verdade, sem nos preocuparmos com o êxito ou o fracasso, sabendo que esse esforço é o verdadeiro nome do que chamamos de poder divino ou providência.

Os fatalistas apenas nos parecem ridículos. O verdadeiro esforço brota do conhecimento correto que nasce no nosso coração quando recebemos o ensinamento das escrituras e os conselhos dos homens santos.

\*

Se um astrólogo predisse que um jovem será um grande estudante, consegue esse jovem ser um bom estudante sem estudar?

Claro que não! Então, como devemos entender os favores divinos?

\*

Neste mundo tudo está em movimento, exceto os cadáveres, e cada ação produz um resultado inevitável.



Pintura de uma transcrição persa do manuscrito  
Yoga Vasistha, 1602

Na mente humana há inúmeros vāsanas ou tendências latentes que dão lugar a palavras, pensamentos e ações, de forma irrevogável. O karma ou ação tem resultados inevitáveis e nesse sentido pode-se falar sobre o destino fatal, mas as nossas ações estão sempre nas nossas mãos, e por isso as suas fatais consequências dependem de nós mesmos.

Este é o curso natural da ação: a ação não é mais do que o resultado das tendências latentes que configuram a mente humana, pois o homem não é distinto da sua mente.

\*

A omnipresente sabedoria do ser cósmico brilha eternamente como conhecimento e vazio. Quando neste ser cósmico surge uma vibração, nasce o senhor Vishnu como uma onda na superfície do oceano agitado pelo vento. Do coração de lótus de Vishnu nasce Brahma, o criador, que começa a formar as múltiplas variedades de seres animados e inanimados que povoam a Terra.

O Monte Meru é o seu centro, os pontos cardeais as suas pétalas e as estrelas os seus estames e os seus pistilos. E este universo começa a ser o que era antes da dissolução cósmica.

\*

Querido Rama, a porta do reino da libertação (Moksha) está protegida por quatro fiéis guardiães: o autocontrole, o espírito de investigação, a alegria e as boas companhias. O buscador inteligente deve cultivar, pelo menos, a ajuda de um deles.

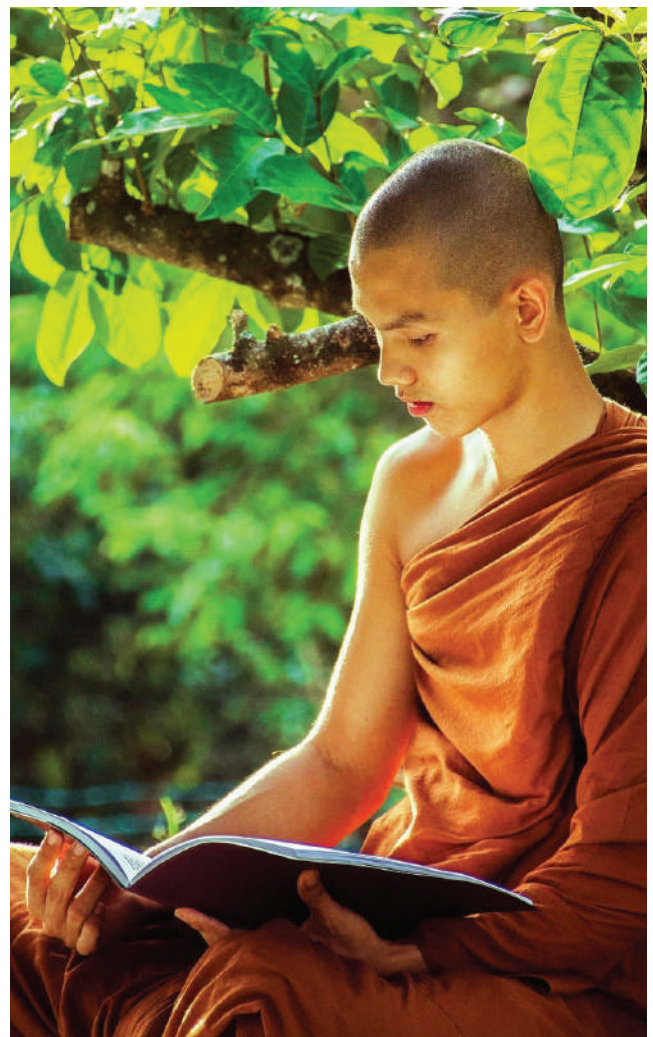
\*

Com o coração puro e mente despojada do véu da incerteza, escuta a exposição da natureza da libertação e os meios para consegui-la. Até que não realizes o ser supremo, não poderás pôr fim ao doloroso ciclo do nascimento e da morte. Se não acabas aqui e agora com a temível serpente da ignorância, continuará causando-te sofrimentos

não só nesta vida, mas em incontáveis existências posteriores. Evitar esse sofrimento é impossível, mas através da sabedoria que te vou ensinar, poderás libertar-te dele no futuro.

\*

Quando superares a dor do samsara, viverás nesta terra como o próprio Brahma e o Senhor Vishnu. Quando a ilusão desaparece e se compreende a verdade através da investigação da própria natureza, quando a mente está em paz e o coração arde no verdadeiro conhecimento, quando todas as ondas perturbadoras dos pensamentos cessaram e da mente apenas flui uma torrente de paz que preenche o coração com a felicidade do Absoluto, quando se contemplou a verdade no coração, este mundo converte-se na mais feliz das moradas.



Alegria serena. Píqsels

O terceiro guardião da porta da libertação é a alegria o shanta. Aquele que tenha saboreado o néctar desta alegria, não ansiará por qualquer outro prazer sensível, pois nenhum deleite deste mundo pode comparar-se a este shanta que dissolve as mais sombrias mágoas.

De que alegria falamos? A verdadeira alegria chamada shanta, é a satisfação que se tem sem se a ter procurado e a renúncia de toda a tristeza ou preocupação pelo que não podemos conseguir, sem nunca se sentir entusiasmado nem deprimido por uma coisa ou por outra.

Enquanto não se estiver satisfeito com o que se tem nem deixar de ansiar o que não possui, é-se escravo

da dor. O homem que não possui nada e está feliz (shanti) apesar disso, é dono do mundo inteiro.

\*

A alegria (shanta), a companhia dos sábios (satsanga), o auto-conhecimento (vichara) e autocontrole (shamam), são os quatro meios mais seguros para atravessar o oceano do samsara. Shanta é a meta suprema, satsanga o melhor companheiro de viagem, vichara o instrumento mais adequado, e shamam a maior fonte de felicidade. Se não és capaz de seguir estas quatro vias, pratica pelo menos uma delas, pois o cultivo diligente de qualquer uma das quatro te descobrirá as outras três e a sabedoria suprema sairá então ao teu encontro.



Gandhi. Flickr

# GANDHI: A FORÇA ÉTICA DA AÇÃO NÃO PASSIVA

*Por Francisco Sánchez*

Publicado na revista Esfinge, outubro 2019

Quem é Gandhi? Ele é um professor, um asceta, um político, um filósofo?... Vamos abordá-lo e interpretá-lo sobre o enredo dos valores éticos, filosóficos e espirituais da tradição indostânica.

Por nascimento (2 de outubro de 1869), é um baneane, dentro da casta vaysha, a terceira casta depois

dos brâmanes e dos xátrias, que interpretamos no Ocidente como comerciantes ou empresários, embora a sua família já tivesse três gerações dedicadas à política, com funções de primeiros-ministros em vários estados. Casam-no aos treze anos com Kasturbai, e permanecerão juntos 62 anos. Observamos a influência do Ocidente naquela Índia

sob dois aspetos: 1º os britânicos são considerados uma raça superior e o cavalheiro (“gentleman”) é o modelo de referência; 2º os sacerdotes cristãos propagaram a crença de que o hinduísmo é um conjunto de superstições e idolatrias.

Desta forma, aos 18 anos ele prepara-se para ir para a Inglaterra, a metrópole, onde estudará direito e se formará como um verdadeiro cidadão do Império. Apesar de tudo, a sua mãe obriga-o a comprometer-se e a fazer votos de “não tocar em vinho, mulher ou carne”. O destino tem os seus próprios desígnios e, em Londres, conhece dois teósofos que o apresentam a Helena Petrovna Blavatsky, fundadora da Sociedade Mundial Teosófica, e a Annie Besant, que se havia convertido à teosofia recentemente.

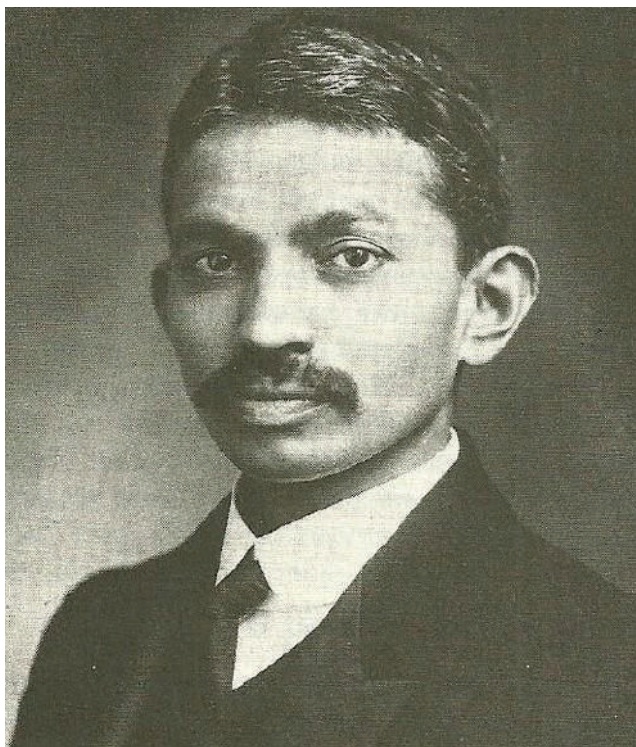
Este é seu primeiro contato com o princípio e o trabalho de criação de núcleos de fraternidade universal, além de raças, credos, sexos, nacionalidade ou condição social; e, por outro lado, ele vai ouvir dizer que “não há religião superior à verdade”. Lerá “A Luz da Ásia”, do inglês Edwin Arnold, e, acima de tudo, o Bhagavad Gita, tratado filosófico abrangente no qual encontrará o guia de que precisa, e sobre o qual mais tarde escreverá a sua própria versão. Esta formação faz com que veja o valor das tradições indostânicas e que reconheça que nasceu numa cultura espiritual multimilenar, que é a mãe de todas as religiões ocidentais (expressas nas línguas indo-europeias). Nessa cultura não há a palavra filosofia ou o amor à sabedoria, por isso, muitos estudiosos acreditam que não há filosofia na Índia. Mas não é o que acontece, a filosofia expressa-se no conceito “darsana” que significa “ponto de vista”. Os tratados filosóficos são chamados de Upanishads, que normalmente estariam integrados nos Vedas. Existem seis darsanas ligadas aos Vedas ou ortodoxas, e há outras independentes dos Vedas, as heterodoxas, como o budismo. No Bhagavad Gita são expressas principalmente duas darsanas: o Sankhya e o Yoga.

É, acima de tudo, o yoga que se desenvolve nos seus quatro níveis de: Karma yoga ou yoga da ação, Bakthi yoga ou yoga da devoção, Gnani yoga ou yoga do conhecimento e Raja yoga ou yoga da libertação. Há

cinco virtudes que são a base ética desse caminho de realização espiritual, essencial em todos os níveis: 1. Ahimsa, que significa “nenhum dano”. 2. Satya, que significa “veracidade”. 3. Brahmacharya, que significa “continência no pensamento, palavra e trabalho”. 4. Asteya, que significa “não roubar”. 5. Aparigraha, que significa “nenhuma apropriação”. Gandhi foi incorporando gradualmente essas virtudes na sua vida e tornou-se num modelo público, num ídolo popular.

Em 1891, quando voltou da Inglaterra e começou a praticar advocacia, a sua escolha foi ajudar os tribunais a conhecerem a verdade em cada caso. Havia clientes que tinham dois advogados, um para dizer a verdade ou não mentir, e outro para escondê-la e mentir. Por isso, o seu futuro como advogado não estava claro. Em 1893, foi para a África do Sul como representante dos interesses de uma empresa indiana, onde descobriu, abruptamente, o tratamento que dava “a raça superior” aos seus compatriotas. Quanto a ele, foi expulso a pontapé dum comboio por ousar viajar em primeira classe, tinha que sair da calçada quando se cruzava com um branco, e deram-lhe um documento de identidade com dez dígitos, exatamente como os criminosos.

Então, começou a praticar a não colaboração e a desobediência civil, queimando publicamente o documento de identidade; o que seria chamado pelos seus comentaristas mais tarde, de “não-violência” ou resistência passiva; o que não é exato seria mais correto referir “nenhum dano”. “A violência é inevitável quando estás vivo, tens corpo, e ocupas um lugar no mundo, da gestação à morte, há sempre algo ou muita violência.” Por outro lado, essa atividade não é passiva, é uma atividade moral, uma luta ética que usa a força da alma e não a do corpo. O objetivo é não magoar o outro, mesmo que ele to faça; a força da alma manifesta-se na capacidade de sofrer... Poder-se-á chamar-lhe amor? Ao mesmo tempo, concebem o termo “satyagraha”, que traduzimos por “manter a verdade”. Assim, o amor e a verdade são os dois pés sobre os quais caminha na ação social, na sua luta pela dignidade dos seus compatriotas.



Gandhi, 1921. Flickr

Concebe uma quinta, comunidade ou asram, onde admite uma família de intocáveis (os sem casta ou párias), e todo o trabalho é feito em comum, incluindo a limpeza das latrinas. Isso causa-lhe problemas com os seus colaboradores mais próximos e ele responde-lhes: “Não trateis ninguém como os ingleses nos tratam.” Em 1906, aos 34 anos, ele pronunciou o voto brahmacarín. Nunca mais terá relações sexuais com ninguém. Faz os dois primeiros jejuns de uma e duas semanas pela má conduta cometida na quinta. Não pune o culpado, mas responsabiliza-se pela sua culpa e expiação. Em 1907, renuncia à sua profissão e entrega todos os seus bens. Quando regressa à Índia em 1915, Tagore chamou-o de Mahatma ou grande alma, que é o título dado aos grandes mestres espirituais. Este não aceita esta designação mas concede que o chamem de Bapu ou pai. Para greves pacíficas ou atos de não colaboração com as autoridades, irá registar o conceito de satyagraha, uma vez que não são períodos de inatividade, mas dias de jejum e oração. Começa a propagar o artesanato em

todo os sentidos e usa como símbolo a roda para fiar tecidos manuais, chamados khadi. Lança uma campanha contra os tecidos ingleses produzidos em Manchester, como uma das formas de não colaboração que culmina anos depois com a queima de tecidos ingleses e estrangeiros em geral.

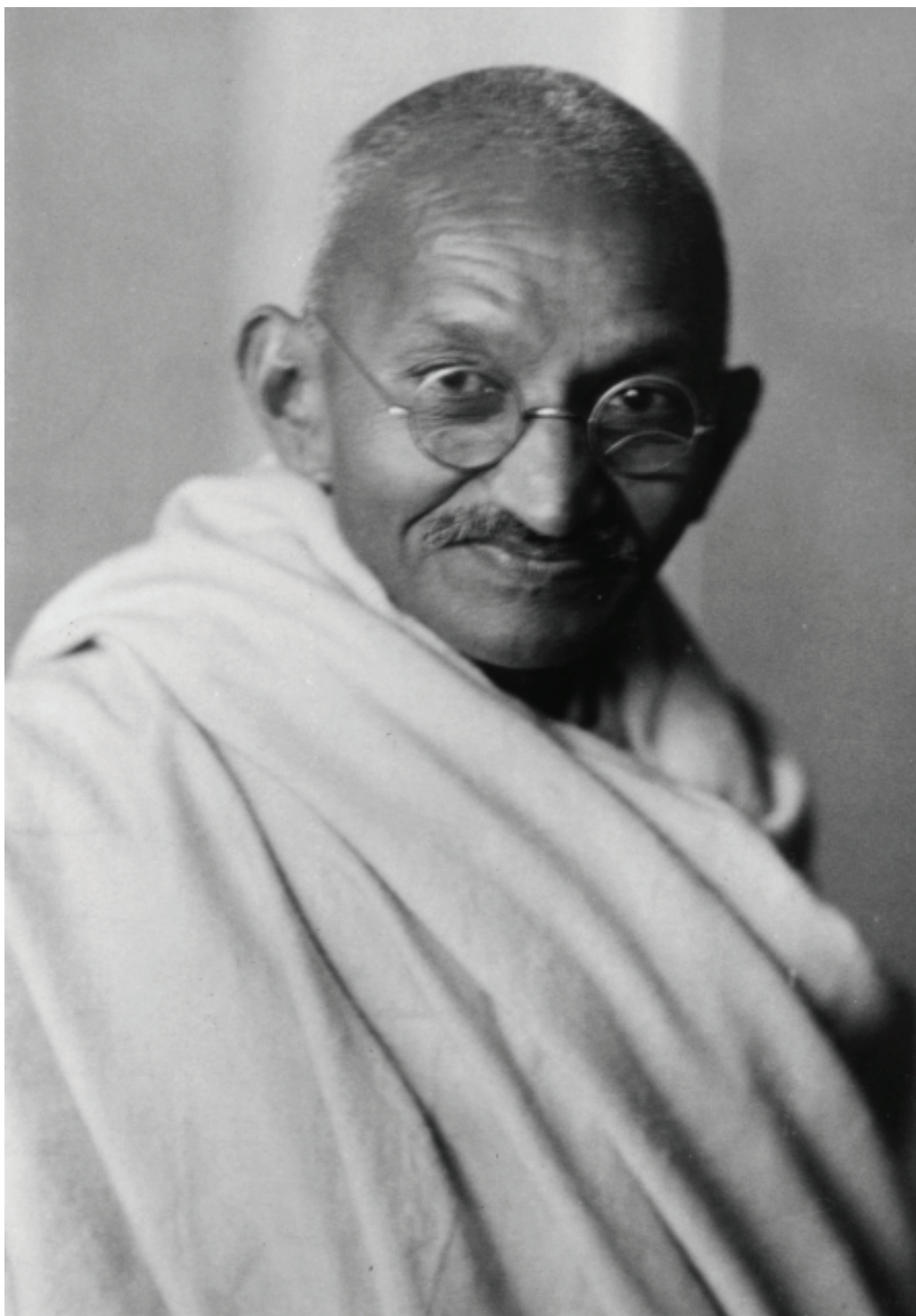
Por essa altura, ele abandonou completamente o traje ocidental e veste-se com um dhoti como roupa inferior, e com um khadi como uma peça de vestuário superior. Viaja pela Índia e assume que a chave para a vida do seu país não está nas cidades, mas nas mais de quinhentas mil aldeias onde a maioria da população vive na pobreza e abandono, e coloca-se na vanguarda desse modo de vida, decretando que a solução para essa população é o artesanato local. A partir daí deixa de ser um cidadão do Império Britânico e decide que o domínio inglês sobre a Índia não é um bem, mas um mal. Considerado um perigo para a Coroa, é condenado a seis anos de prisão, o que não é novidade para ele, já que havia sido detido algumas vezes. Cumpre mais de dois anos e aproveita para fiar na roda e escrever “A História das Minhas Experiências com a Verdade”, que mais tarde se chamaria “Autobiografia”.

Organiza a segunda batalha da sua luta não violenta, que é a desobediência civil. O acto mais representativo e simbólico desta etapa é a “marcha do sal”, contra a lei que proíbe a sua produção e os impostos sobre este. Percorreu mais de 400 quilómetros até chegar ao mar, através de centenas de aldeias e explicando ao povo as razões para esta marcha... que o condenou a mais seis meses de prisão em 1930. Em 1931 viajou para Londres e disse às autoridades britânicas para deixarem a Índia. Entre 1934 e 1936 sofreu vários atentados, alguns com bomba, para o assassinarem, mas continuou as suas viagens e comícios para educar o povo. Vai sendo deixado sozinho diante da violência e realiza jejuns até à sua morte. Em 1947 ocorre a independência da Índia, com a rutura do país. Não considera que a Índia foi libertada, mas que mudou de donos. Em 1948, é assassinado por um fanático brâmane.

## O legado de Gandhi

É um asceta ou iogue que vai da ética individual à coletiva. Não intervém na política, mas sim em melhorar o destino do seu país. Ensina quais são

as armas para lutar pela verdade-justiça, e que são armas que não prejudicam. É um exemplo e um modelo para o nosso presente e para o nosso futuro imediato, já que as armas nocivas são um beco sem saída. Ensinou uma única religião: a verdade, e que só há um povo: a humanidade.



Gandhi, 1931. Public Domain



*"Apenas a verdade  
perdurará, e tudo o resto  
será varrido pela maré  
do tempo."*

GANDHI





A Escolha de Draupadi. Public Domain

# HINO VÉDICO ÀS RÃS, MAIS DO QUE UM SARCASMO

(CIII do Livro ou Mandala 7 do RIG VEDA)

*Por José Carlos Fernandez*

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

1 - Elas que permanecem em silêncio por um ano são como os Brâmanes que cumprem os seus votos.  
As rãs levantaram a sua voz, a voz que Parjanya<sup>1</sup> inspirou.

2 - A que horas, como numa pele seca que jaz no leito da piscina, desceram sobre elas as inundações do céu,  
E o coaxar das rãs canta em uníssono, como as vacas junto dos seus bezerros?

---

1 Deus da tempestade, da chuva e do relâmpago, que fertiliza a terra.

- 3 - Quando a estação das chuvas chegou, a água derramou-se sobre elas ansiosas e com sede. Uma busca a outra enquanto fala e a cumprimenta com gritos de prazer como um filho ao seu pai.
- 4 - Cada uma recebe a outra amavelmente, enquanto se deleitam no fluxo das águas. A rã encharcada pela chuva avança, e a verde e a manchada combinam as suas vozes.
- 5 - Quando uma das duas repete a linguagem da outra, como quem aprende a lição do mestre. Cada uma parece crescer à medida que sobre as águas conversam com eloquência.
- 6 - A de uma é um gemido de vaca e a da outra é um balido de cabra, uma rã é verde e a outra manchada. Têm um nome comum e, no entanto, variam e, falando entoam a voz de forma diferente.
- 7 - Como Brâmanes, sentados ao redor do cálice transbordante, orando no rito *Soma* que é a morte da noite<sup>2</sup>. Assim, as rãs, reúnem-se ao redor do lago para homenagear este grande dia do ano, o primeiro do tempo da chuva.
- 8 - Esses brâmanes com o sumo de *Soma*, realizando o grande rito do ano, levantaram as suas vozes; E esses sacerdotes, suando com as suas panelas, saem e mostram-se, e nenhum está oculto.

- 9 - Mantêm a ordem dos doze meses nomeados por Deus, e nunca os homens negligenciam a temporada.

Assim que regressa o tempo da chuva no ano, estes que foram como panelas fervendo ganham a sua liberdade.

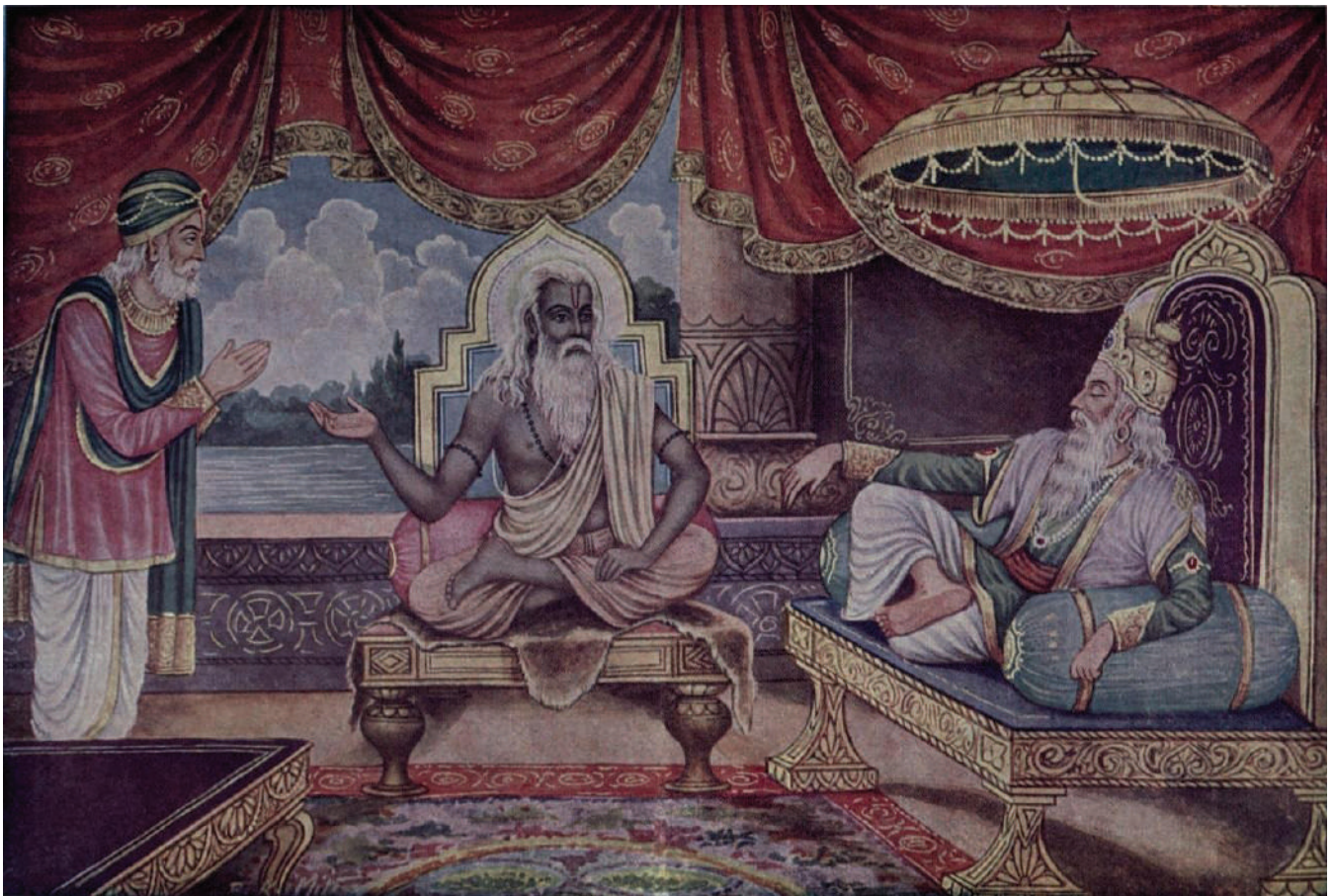
- 10 - Os gemidos da vaca e os balidos da cabra deram-nos riquezas, e a verde e a manchada abençoaram-nos com um tesouro. As rãs que nos dão centenas de vacas prolongam as nossas vidas nesta estação fértil.

Os Vedas têm sido chamados Bíblia da Humanidade, porque contêm os hinos religiosos mais antigos de que se tem conhecimento, e muitos dos símbolos e metáforas que encontramos neles, também aparecem em grande parte dos textos religiosos em todo o globo.

Foram elaborados em tempos imemoriais pelos *rishis* - profetas ou sábios divinos - e compilados, de acordo com a tradição, pelo avatar *Vyasa* no sagrado e santo lago de *Manasarovara*, nos Himalaias.

Os mais antigos são o *Rig* (Veda dos hinos), o *Sama* (dos cânticos), o *Yajur* (do sacrifício), ao qual mais tarde é acrescentado o *Atharva* (dos encantamentos mágicos). O *Rig* consiste em 1028 hinos organizados em 10 livros ou mandalas.

<sup>2</sup> Literalmente *Atiratra*, que tem muitos significados, um deles é a "morte da noite" e noutro um tipo de sacrifício.



Vyasa concede a visão divina a Sanjaya. Wikimedia Commons

Embora geralmente sejam dedicados aos Deuses da primitiva religião da Índia, alguns hinos incluem diálogos à maneira teatral, ou saíram do tronco comum.

Em particular um desses hinos é o Hino 103 do livro 7, conhecido como “O Hino das Rãs”, que é um pouco desconcertante, pois gira em torno de como as rãs começam a coxar na estação das chuvas, e compara-as com os brâmanes no seu rito anual do Soma, a sua bebida sagrada.

No início do século XX, o músico Gustav Holst, famoso pela sua obra “Os Planetas”, incluiu-o numa composição musical de vários hinos védicos. Com o piano, evoca de forma sublime o coxar das rãs junto ao lago.

Alguns estudiosos dizem que este hino é uma crítica humorística aos próprios brâmanes, o que seria contrário em espírito ao sentido do próprio texto,

no qual os brâmanes são os santos intermediários que permitem trazer à terra as bênçãos do céu e os seus poderes divinos.

Devemos lembrar que textos sagrados podem ser lidos, como dizia a genial H. P. Blavatsky (1831–1891) com várias chaves que acedem a diferentes significados. Os seus símbolos e alegorias poderiam, assim, ser interpretados a partir de uma perspectiva astronómica, ou matemática, ou psicológica e moral, alquímica, puramente espiritual, etc. O acesso a essas chaves seria revelado gradualmente e de forma secreta àqueles que se fizessem merecedores de tal conhecimento, pela sua pureza e profundidade de alma, após superar as devidas provas.

Também devemos lembrar que a rã para a mentalidade judaico-cristã adquire um significado diabólico ou escatológico, mas não é assim para a filosofia e crenças de outros povos. E mesmo no próprio cristianismo dos primeiros séculos da nossa

Era, e sob inspiração egípcia, figuravam rãs nas suas lâmpadas com o texto “Eu sou a ressurreição”. A rã, no Egito, é um símbolo de renascimento, da Iniciação, disposta a Alma a dar “O Grande Salto”, da fertilidade, anunciando as chuvas, e das suas metamorfoses, que começa no interior de um ovo para a seguir ser como um peixe e depois respirar no ar. Ou seja, pela sua natureza anfíbia, em que a água representa as correntes da vida e o seu psiquismo, e o ar o mundo mental. As almas vivem, enquanto prisioneiras na

matéria, vítimas do lodo - terra e água - que as cobre e só as que se esforçam ascendem a águas mais puras, e até as que podem sair para terra firme e respirar o ar puro das Ideais divinas. Daí as semelhanças com as rãs. Os filósofos gregos disseram que as rãs simbolizavam as almas humanas a meia formação, ou seja, recuperando a sua natureza imortal, no meio desta difícil e dolorosa, e ao mesmo tempo feliz transformação, como a da serpente que deixa para trás a sua pele já velha.



Selo em faiança com o formato de uma rã, (1295 a.C. a 1069 a.C.), Departamento Egípcio do Museu do Louvre, Paris.  
Creative Commons

Neste hino a comparação dos brâmanes com rãs de diferentes tipos - repete a verde e a manchada - não é pejorativa. Pelo contrário, refere-se aos aspirantes à Sabedoria, que se estão gerando a si mesmos, mas que já alcançaram uma elevação que lhes permite trazer bênçãos (no Veda, as vacas, que simbolizam conhecimento, abundância, correntes espirituais e raios de luz, e tudo o que alimenta com o vivificador “leite” estrelar a alma).

É de grande beleza como se explica a forma como cada alma (rã) é diferente, faz uma música que é sua, a sua “cor” é própria, mas como todas conjugam as suas vozes, no mesmo lago. Lembremos que a filosofia védica simboliza o Dharma com um lago, como um espelho harmónico da Eternidade, como vemos na famosa cena do Mahabharata no “Lago do Dharma”, e em que Yudishtira respondendo às perguntas deste Deus salva a vida dos seus irmãos. Todas as almas despertadas comungam misticamente, como os Brâmanes na cerimónia do Soma, a sua bebida da imortalidade. H. P. Blavatsky disse que o significado esotérico desta bebida é a comunhão do eu humano ou consciência pessoal com o Eu divino, o mesmo conceito que os gregos têm de epopteia ou rapto divino.

A forma como se pronunciam os mantram evoca, sem dúvida, a profundidade gutural dos cânticos da rã, especialmente quando são as vogais, símbolo dos Deuses, as que são pronunciadas. Numa chave, que é também literal, histórica, este hino menciona

o canto e até talvez as operações rituais e mágicas dos brâmanes - os sons convertem-se em símbolos sonoros que cristalizam formas mentais - numa estação do ano, associada ao rito do Soma. Mas noutra deve referir-se ao próprio cântico das almas que despertam e se afirmam, a ação das suas próprias naturezas harmonizadas, fazendo coro umas com as outras na mais bela fraternidade, semelhante à metáfora dos coros angelicais no Cristianismo.

As “panelas suando” ou as “panelas fervendo”, talvez se refiram, em consonância com o ritual védico, aos trabalhos da alma na sua própria transmutação, “separando o denso do subtil”, “o ouro da escória no cadinho”, a ação no atanor, de acordo com a conhecida expressão que aparece no livro místico Voz do Silêncio:

*“Do forno da vida humana elevam-se chamas aladas, que estão tecendo a tripla veste do Caminho.”*

Este hino não é certamente nem um sarcasmo para criticar os brâmanes nos seus ritos, nem um poema infantil de alguém atordoado pelo efeito do canto das rãs, anunciando as chuvas. É um hino ao despertar das almas, à sua liberdade e a como se harmonizam com as almas irmãs no mais antigo ritual humano da Terra, o da comunhão mística com as suas próprias almas, e ao mesmo tempo o da Fraternidade.



© 2008 pratheep

Estátua de Sri Shankaracharya

# O MISTÉRIO DE BUDDHA E ADI SHANKARA

*Por Hélio de Orvalho*

Adi Shankara foi um mestre da filosofia indiana, consolidando uma escola que ficou conhecida como Advaita Vedanta. Há, no entanto, fortes evidências que manifestam a existência de vários mestres que dão pelo mesmo nome de Shankarasharya.

A Enciclopédia Britânica<sup>1</sup> aceita o seu nascimento no séc. VIII d.C., em linha com a generalidade dos investigadores ocidentais entre os quais Max Muller. No entanto, se recorrermos às fontes orientais –

designadamente aquelas recolhidas por T. Subba Row junto dos mosteiros fundados por Shankara – obtemos o ano de 510 a.C. para o nascimento do mestre<sup>2</sup>. Isto é importante para a identificação de Adi Shankara (o Primeiro Shankara), a partir da qual se poderá estabelecer a autoria de cada um dos textos que tradicionalmente lhe são atribuídos.

Toda esta deliberação acerca de Adi Shankara está muito bem desenvolvida nos artigos de David

<sup>1</sup> <https://www.britannica.com/biography/Shankara>

<sup>2</sup> T. Subba Row, *Sri Sankaracharya's Date and Doctrine*, Theosophist, Setembro, 1883

Reigle, tanto quanto à data, como quanto ao estabelecimento dos seu textos originais<sup>3 4</sup>.

Apenas no mosteiro indiano em Kanchi, chamado Kamakoti Peetham, pertencente a um ramo do hinduísmo ainda presente nos dias de hoje<sup>5</sup>, contam-se pelo menos oito Shankaracharyas, até ao séc. XV, entre os mestres que estiveram à frente do mosteiro<sup>6</sup>.



Templo Vydashankara no mosteiro Dakshinamnaya Sharada Peetha em Shringeri, um dos quatro mosteiros fundados por Shankaracharya na Índia

Em todo o caso, H.P. Blavatsky afirma no seu livro *A Doutrina Secreta* que Shankaracharya foi “o maior iniciado dos tempos históricos” e “o maior dos mestres Esotéricos da Índia”<sup>7</sup>. Quanto a qual dos mestres se refere, não fica imediatamente claro pela leitura desta obra. No entanto, podemos fazer uma argumentação em apoio de que se refere a Adi Shankara, de 510 a.C..

Em várias referências que H.P. Blavatsky faz a respeito de Shankaracharya, torna-se claro que não haveria qualquer contradição entre os seus ensinamentos e os de Gautama Buddha. Ainda na introdução de *A Doutrina Secreta*, afirma H.P.B. que

Shankaracharya é o grande sucessor de Buddha, continuando, no final do mesmo volume, dizendo que a mesma sabedoria secreta é ensinada por Krishna, Shankaracharya e Buddha<sup>8</sup>.

Ora, talvez nos confunda, então, aquilo que lemos no comentário aos *Brahma-sutras*, o texto que os investigadores atuais consideram como o mais inquestionável dos textos da autoria e Shankaracharya:

*“Seja de que perspectiva tomarmos o sistema [niilista] de Buddha, ele cai de todos os seus lados, como as paredes de um poço aberto em areias oleosas. De facto, não tem qualquer base onde se apoiar, e portanto, as tentativas de o utilizar como guia prático para a vida é meramente tola. [...] Portanto a doutrina [niilista] do Buddha tem que ser inteiramente desconsiderada por todos aqueles que levam em conta a sua própria felicidade.”<sup>9</sup>*

Este aparente paradoxo poderá, talvez, ser resolvido se atendermos às suas inúmeras causas possíveis, baseadas na doutrina esotérica exposta por H.P.B.. Primeiro de tudo, lembrando que Gautama Buddha ensinou duas doutrinas: por um lado o aspecto exterior ou filosofia exotérica, chamada a “Doutrina do Olho”, e por outro lado, aos seus discípulos mais próximos, a “Doutrina do Coração” que continha os ensinamentos da filosofia esotérica mais profunda e completa. A *Doutrina do Olho*, ainda que baseada no aspecto profundo da sabedoria divina, foi paulatinamente interpretada num sentido superficial, especialmente patente no Budismo do Sul, nitidamente niilista, negando os aspectos transcendentais da natureza humana e preterindo a compaixão em prol da libertação individual<sup>10</sup>. Provavelmente, era esta última doutrina aquela que Adi Shankara tentava rebater, e não os ensinamentos esotéricos de Gautama.

3 Para a questão da data: David Reigle, *The Original Sankara*.

4 Para a questão da obra: David Reigle: *Works of the Original Sankara*.

5 Pode-se consultar a sua página de internet nesta ligação: <http://www.kamakoti.org/>

6 Naryana Sastry, *The Age of Sankara*, p.196. 2ª Ed., 1971.

7 H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, Vol. I, p. 92 e 236. 1888.

8 H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, Vol. I, p. 21 e 480. 1888.

9 *Brahma-sūtra-bhāṣya of Śrī Śaṅkarācārya* 2.2.32, citado por David Reigle, *The Original Sankara*, p.21.

10 Sobre a “Doutrina do Olho” e a “Doutrina do Coração” ver *A Voz do Silêncio* de H. P. Blavatsky.

Segundo, reconhecendo que Gautama Buddha, conquanto Avatara divino da linha budhisátvica<sup>11</sup>, opera nos princípios espirituais da sua personalidade certos processos extremamente misteriosos, dos quais apenas conhecemos um esboço. De acordo com a explicação de H.P.B. no seu artigo “O Mistério de Buddha”, um Avatara, resultando da iluminação de um ser humano aperfeiçoado ao ponto de receber o influxo da sabedoria divina, assenta a sua existência em três veículos, a saber:

“1.º o **Nirmanakaya**, no qual o Bodhisatva, depois de entrar na senda do Nirvana pelos seis Paramitas, aparece entre os homens com a missão de instruí-los;

2.º O **Sambhogakaya**, o corpo de bem-aventurança, impermeável às sensações físicas, de que se reveste aquele que satisfaz os três requisitos de perfeição moral;

3.º o **Dharmakaya**, que é o corpo Nirvânico.”<sup>12</sup>

O ponto essencial a assinalar é que, mesmo depois de atingir o Nirvana, o Bodhisattva é aquele que reaparece (através do seu veículo Nirmanakaya) entre os homens para continuar a sua missão de Instrutor. Vejamos o que diz A Voz do Silêncio:

“Afasta-te da luz do sol para a sombra, para dares mais espaço aos outros. As lágrimas que regam o solo árido da dor e da tristeza fazem nascer as flores e os frutos da retribuição cármica. Da fornalha da vida humana e do seu fumo denso, saltam chamas aladas, chamas purificadas, que, erguendo-se alto, sob o olhar cármico, tecem por fim o tecido glorioso das três vestes do Caminho.

Essas vestes são: Nirmanakaya, Sambhogakaya, e Dharmakaya, traje sublime.

[...] Os Budas perfeitos, que vestem a glória do Dharmakaya já não podem contribuir para a salvação humana. Ai de nós! Devem as personalidades ser sacrificadas a uma só?

*Deve a humanidade ser sacrificada ao bem dos indivíduos? Aprende, ó principiante, que este é o caminho aberto, o caminho para a felicidade egoísta, evitado pelos Bodhisattvas do Coração Secreto, os Budas da Compaixão.*

*Viver para servir a humanidade é o primeiro passo. Praticar as seis virtudes gloriosas é o segundo.*

*Vestir a veste humilde do Nirmanakaya é rejeitar para si a felicidade eterna, para poder auxiliar a salvação humana. Chegar à felicidade do Nirvana, mas renunciar a ela, é o passo supremo, final – o mais alto no caminho da renúncia.*

*Aprende, ó discípulo, que é este o caminho secreto, escolhido pelos Budas da perfeição, que sacrificaram a sua Personalidade a personalidades mais fracas.”*

Isto vai ao encontro do que é afirmado no artigo de H.P. Blavatsky já mencionado:

“De tempo a tempo o Gautama “astral” [Nirmanakaya] reúne-se misteriosamente, e de modo incompreensível para nós, com Avatares e grandes santos, e atua por intermédio deles. E os nomes de alguns são conhecidos. [...]”

Shankaracharya era certamente um Buddha; não foi, porém, uma reencarnação de Buddha, embora o Ego “astral” de Gautama (ou melhor: seu Bodhisattva) possa ter-se associado misteriosamente a Shankara. [...] Em ambos, Atman, o Eu Superior, era distinto...”<sup>13</sup>

Uma outra misteriosa afirmação vai no mesmo sentido:

“Cinquenta e poucos anos depois da sua morte, o “Grande Mestre” renunciou ao Nirvana e ao estado de Dharmakaya, e preferiu renascer uma vez mais, por motivos cármicos e de compaixão pela humanidade.”<sup>14</sup>

11 Ver Jorge Ángel Livraga, Introdução à Sabedoria do Oriente.

12 H.P. Blavatsky, A Doutrina Secreta, Vol. VI, p.33. (versão portuguesa).

13 H.P. Blavatsky, “O Mistério de Buda”, in A Doutrina Secreta, Vol. VI, p.25 - 33. (versão portuguesa).

14 Idem.

Fica então evidenciado o fundamento para que Adi Shankara tenha nascido, segundo H.P.B., no séc. VI a.C.. Chegamos assim, também, ao ponto em que H.P.B. manifesta a existência de um vínculo esotérico, misterioso e metafísico, entre Gautama Buddha e Adi Shankara. Este último, um brâmane da Índia meridional, durante os seus 32 anos de existência física, teria servido de veículo apropriado para uma continuação da obra do primeiro, já não para instituir uma nova mensagem místico-religiosa – que veio a ficar conhecida como Buddha Dharma ou Budismo – mas sim para reformar profundamente, com base nos mesmos princípios da sabedoria esotérica, o pensamento filosófico e religioso que se apoiara ao longo de séculos nos Vedas, Upanishads, Sutras, Sruti e Smritis, que constituem uma inesgotável fonte de sabedoria.

Tratou-se, fazendo fé nesta possibilidade, de uma reforma dupla da sabedoria da Índia. Por um lado, um novo sistema, mais límpido e puro, rompendo com o tradicional bramanismo, com o seu ritualismo

exacerbado e a sua rigidez dogmática quanto à interpretação dos seus textos sagrados e filosóficos. Por outro lado – sabendo que a doutrina de Buddha não iria ser acolhida plenamente pelas mentes embebidas do ancestral conhecimento védico – através dos comentários de Adi Shankara aos textos mencionados, efetuou-se uma renovação daqueles ensinamentos ancestrais, tornando-os mais claros e afins à Doutrina Secreta promovida tanto por Gautama como por Shankaracharya, ambos ao serviço da mesma causa oculta.

Destacamos, por fim, que este é mais um sinal do trabalho oculto dos Mestres de Sabedoria que desde tempos imemoriais têm trabalhado para a evolução da consciência humana e da harmonização dos pontos de vista e das variadas correntes de pensamento. Ainda que na aparência se afigurem muito distintas, na sua essência e finalidade contribuem para o despertar interior do ser humano e para a fraternidade universal com todos os seres.



Árvore Banyan – Fotografia de Lovell D'souza

A Árvore Banyan<sup>15</sup> faz entrar os seus ramos de novo no solo, de onde emanam raízes criando uma nova árvore, apesar de sempre ligada à anterior. É, deste modo, um símbolo esotérico da Árvore da Sabedoria e da conexão oculta entre os Mestres de Sabedoria, que espalham a sua Mensagem em Ramos que fazem parte da mesma Árvore. Fotografia de Lovell D'souza.

De modo a ilustrar o que foi dito, conta-se uma pequena história, a favor do contacto de Shankara com os grandes Mestres de Sabedoria dos Himalaias, Coração da Hierarquia espiritual da humanidade, que aqui recriamos de forma livre<sup>16</sup>:

*Corria o ano de 500 a.C. quando Shankara, com menos de dez anos de idade, obtém permissão da sua mãe para ingressar na sagrada ordem de Sanyasa, onde foi iniciado pelo seu mestre Govinda nos seus sistemas filosóficos, nas margens do rio Narmanda.<sup>17</sup>*

*Govinda decide então levar Shankara ao seu mestre, Gaudapada, já então com 120 anos de idade, que vivia nos Himalaias. Permaneceu nas montanhas por quatro anos, sob a orientação do seu Paramaguru (o mestre do seu mestre).*

*Encantado com a atividade de Shankara e com os seus comentários aos Vedanta Sutras, Gaudapadacharya decide levá-lo aos seus próprios Guru e Paramaguru, Badarayana e Suka, que naquele momento estavam nos picos do Monte Kailasa em estado de Brahmanistha, ou seja, absorvidos na contemplação de Brahma debaixo de uma árvore Banyan.*

Shankara considerou-se, nesse momento, o mais afortunado dos homens, descrevendo tal estado com palavras que os sábios das Eras passaram a louvar do seguinte modo:

*“Abençoados são aqueles por quem Brahman é contemplado com a atenção focada num só ponto da seguinte maneira:*

*‘Não é Aquilo o que não é,  
Nem é Aquilo o que é,  
Nem é Aquilo uma combinação de ambos.  
Nem é grande nem subtil,  
Nem é Aquilo feminino ou masculino ou neutro.  
É a fonte de tudo.’*

*Tais pessoas brilham com glória, enquanto outros permanecem enredados nas correntes da vida mundana.”<sup>18</sup>*

Shankara foi depois levado junto do Grande Instrutor, Mahadeva, o qual, aos pés da grande árvore Banyan, lhe apareceu na forma de Dakshinamurti – a personificação da suprema consciência, compreensão e conhecimento – para ser instruído diretamente por Shiva nos picos nevados de Kailasa.

Depois disto, Badarayana e Suka deram a Shankara a sua bênção e dirigiram-no a Benares, o grande centro de toda a aprendizagem Ária, para que iniciasse a pregação da Darsana Advaita.

Assim que o Badarayana e Suka lhe deram a bênção, desapareceram miraculosamente da sua vista, e nem mesmo de Gaudapada restou sinal para confortar Shankara naquela estranha terra dos Siddhas. Tendo cumprido as missões das suas vidas neste mundo, os três grandes instrutores foram para Kailasa, onde Mahadeva, o grande Senhor da Sabedoria, se senta no seu trono na Montanha de Prata, com a Mãe do Mundo, a Deusa Uma, ao seu lado, deixando o resto das suas tarefas nas hábeis mãos de Shankara.

<sup>15</sup> Ver o Glossário Teosófico de H. P. Blavatsky.

<sup>16</sup> História recriada com base nas páginas de Naryana Sastry, *The Age of Sankara*, p.85 e seguintes. 2ª Ed., 1971.

<sup>17</sup> Para uma tabela cronológica da vida de Adi Shankara, ver Naryana Sastry, *The Age of Sankara*, p.181. 2ª Ed., 1971.

<sup>18</sup> Dhanyáshtakam de Sri Shankaracharya.



O Senhor Shiva debaixo da árvore de Banyan a ensinar os sábios da humanidade. Templo Madurai Meenakshi, Índia. *Wikipedia*



Monte Everest – encosta norte, Tibete. Wikimedia Commons

# O PRINCÍPIO SEPTENÁRIO NO ESOTERISMO

*Por Helena Petrovna Blavatsky*

Publicado por Universal Theosophy, 4 de Agosto de 2016, Theosophist, Julho, 1883

Desde que se começou a expor a doutrina esotérica Arhat, muitos dos que desconheciam a base oculta da doutrina Hindu, imaginaram que havia diferenças entre ambas. Alguns dos mais intolerantes, acusaram diretamente os ocultistas da Sociedade Teosófica de propagar a heresia budista, e chegaram a afirmar que todo o movimento Teosófico não era mais que uma propaganda budista disfarçada. O movimento Teosófico foi insultado por Brâmanes ignorantes e académicos europeus, dizendo que as nossas divisões setenárias da Natureza e de todo o

seu conteúdo, incluindo o homem, eram arbitrárias e não confirmadas pelos mais antigos sistemas religiosos do Oriente.

Propomo-nos agora fazer uma vigem superficial pelos Vedas, os *Upanishads*, os Livros da Lei de Manu e particularmente o Vedanta, como forma de demonstrar que eles suportam a nossa posição. Mesmo no seu exoterismo mais vulgar aparece claramente a afirmação da divisão septenária. Linha após linha poderia ser utilizada como prova

de citação, e não só pode ler-se o misterioso número em cada página das mais antigas Escrituras Sagradas Arias, mas também nos livros mais antigos do zoroastrismo, nos anais que conseguimos salvar das antigas Babilônia e Caldeus, no Livro dos Mortos e Rituais do antigo Egito, até nos livros mosaicos, sem fazer menção as obras secretas judaicas, como a Cabala.

O limitado espaço de que dispomos obriga-nos a cingirmos a umas breves citações, não permitindo sequer extensas explicações. Não é exagerado assegurar que poderiam escrever-se extensos artigos para cada uma das breves referências que aparecem nos slokas citados.

Desde o bem conhecido hino tempo do Atharva Veda (XIX, 53):

*“O tempo, como um corcel com sete raios,*

*Cheio de fecundidade, arrasta tudo enfrente.*

*Tempo, como uma carruagem de sete rodas e sete compartimentos segue enfrente, As rodas rolantes são todos os mundos, o seu eixo é a Imortalidade.”*

Até Manu, “o primeiro e o sétimo homem”, os Vedas, os Upanishads, e todos os sistemas filosóficos posteriores são prolíficos em alusões a este número. Quem foi Manu, o filho de Swayambhuva? A Doutrina Secreta diz-nos que este Manu não era um homem, mas a representação das primeiras raças humanas que evoluíram com a ajuda dos Dhyan-Chohans (Devas), no início da Primeira Ronda. Mas é-nos dito nas suas Leis (Livro 1. 80) que há catorze Manus para cada Kalpa ou “intervalo entre criação e criação” (leia-se intervalo de um “Pralaya” menor para outro) e que “na presente idade divina houve até agora sete Manus”. Os que sabem que há sete Rondas, das quais três já passaram, e que estamos atualmente na quarta, e que existem sete auroras e sete crepúsculos ou catorze Manvantaras, que ao princípio de cada Ronda e no seu fim e sobre e entre os planetas, há “um despertar da vida ilusória” e “um despertar à vida real”; que existem ainda “Manu-

-Raízes” e os que os traduzimos imperfeitamente como “Manu-Sementes” – as sementes da Raça humana da Ronda vindoura (um mistério somente divulgado a aqueles que passaram o terceiro grau de iniciação). Os que aprenderam tudo isto estão mais preparados para perceber tudo o que segue. É-nos dito nas Sagradas Escrituras Hinduístas que “o primeiro Manu produziu outros seis (sete Manus primários na totalidade), e estes produziram por sua vez cada um mais sete Manus (Bhṛigu 1. 61-63)<sup>1</sup>, resultando a produção destes últimos nos tratados ocultos como 7 x 7.

Aparece claramente que Manu – o último, o progenitor da nossa humanidade, da Quarta Ronda – terá de ser o sétimo, visto que nos encontramos na nossa Quarta Ronda e que há um Manu-Raiz no Globo A e um Manu-Semente no Globo G. Assim como cada Ronda planetária começa com a aparição de um Manu-Raiz (Dhûan-Chohan) e termina com um Manu-Semente, de igual modo aparecem respetivamente um Manu-Raiz e Semente ao princípio e fim do período humano em cada planeta particular. Facilmente se pode ver pela declaração anterior que um período Manu-antárco significa, como o termo indica, o tempo entre o aparecimento de dois manus ou Dhyan-Chohans, e conseqüentemente um Manu-antárco menor é o tempo de duração de sete raças em um planeta particular, e um Manu-antárco maior é o período de duração de uma ronda humana na cadeia planetária. Ainda, como nos dizem que cada um dos sete Manus cria 7 x 7 Manus e que há 49 Raças-raízes sobre os sete planetas durante cada Ronda, cada Raça-Raiz tem, assim, o seu Manu. O sétimo Manu atual é chamado “Vaivasvata”, e aparece nos textos exotéricos como o Manu que na Índia representa ao Xisustro Babilónico e ao Noé Judaico. Mas ensinam-nos os livros esotéricos que Manu Vaivasvata, o progenitor da nossa quinta Raça – o que a salvou do Dilúvio que quase exterminou a quarta raça (a Atlante) – não

<sup>1</sup> O fato de indicar que o próprio Manu foi criado por Virâj, e produziu depois os dez Prajâpatis, que por sua vez produziram sete Manus, os quais deram nascimento a outros sete Manus (Manu, 1. 33-36), refere-se a outros mistérios anteriores e constitui ao mesmo tempo um véu da doutrina da Cadeia septenária.



Matsya, o peixe avatar de Visnãu, protegendo Sradhadeva Manu e os sete sábios durante o Dilúvio. Public Domain.

é o sétimo Manu mencionado na nomenclatura dos Manu-Raízes ou primitivos, mas um dos 49 “emanados deste Manu-Raiz”.

Para uma compreensão mais clara damos em baixo o nome dos 14 Manus na sua respetiva ordem para cada Ronda.

	Manu	Planeta	Nome de Manu
1ª Ronda	1ª (Raiz)	Manu no Planeta A	Swayambhuva
	1ª (Semente)	Manu no Planeta G	Swarochi (or) Swarotisha
2ª Ronda	2ª (Raiz)	Manu no Planeta A	Uttama
	2ª (Semente)	Manu no Planeta G	Thamasa
3ª Ronda	3ª (Raiz)	Manu no Planeta A	Raivata
	3ª (Semente)	Manu no Planeta G	Chackchuska
4ª Ronda	4ª (Raiz)	Manu no Planeta A	<b>Vaivasvata</b> (o nosso progenitor)
	4ª (Semente)	Manu no Planeta G	Savarni
5ª Ronda	5ª (Raiz)	Manu no Planeta A	Daksha Savarni
	5ª (Semente)	Manu no Planeta G	Brahma Savarni
6ª Ronda	6ª (Raiz)	Manu no Planeta A	Dharma Savarni
	6ª (Semente)	Manu no Planeta G	Rudra Savarni
7ª Ronda	7ª (Raiz)	Manu no Planeta A	Rouchya
	7ª (Semente)	Manu no Planeta G	Bhoutya

Assim, apesar de ser sétimo na ordem indicada, *Vaivasvata* é o *Manu*-Raiz primitivo da quarta onda de vida, a Humana (o leitor deve ter em mente que *Manu* não é um homem, mas sim a coletividade Humana), enquanto o nosso *Vaivasvata* era somente um dos sete *Manu* menores que presidem as sete Raças deste planeta. Cada um destes será testemunha de um dos cataclismos periódicos eternamente reproduzidos (pelo fogo ou pela água alternativamente) que finalizam o ciclo de cada Raça-Raiz. E é este *Vaivasvata* – a encarnação do ideal Hinduísta, chamado *Xisustro*, Deucalião, Noé e outros nomes – o nome alegórico que salvou a nossa Raça quando quase a totalidade da população de um hemisfério sucumbiu pela água, enquanto acordou do seu obscurantismo temporal o outro hemisfério.

O número sete eleva-se proeminentemente e ocupa um papel importante quando se compara a décima primeira tábua das lendas de *Izdhubar* da história caldeia do dilúvio com os chamados livros mosaicos. As bestas são separadas em números de sete<sup>2</sup>, os pássaros também em sete, é indicado a Noé que choverá na terra durante sete dias, mas ele espera ainda “outros sete dias” e ainda mais sete dias, enquanto que na versão caldeia do dilúvio a chuva finalizou ao sétimo dia<sup>3</sup>. No sétimo dia é libertada a pomba, *Xisustro* apanha por sete “jarras de vinho” para o altar, etc. Porquê tantas coincidências? E no entanto, pretendem os orientistas europeus que creiamos neles quando julgam as cronologias babilônicas e árias e dizem que são extravagantes e ilusórias! Apesar disso, como eles não ofereceram nenhuma explicação nem alguma vez observaram, que nós saibamos, a estranha paridade existente nos totais das cronologias *Semítica*, *Caldeia*, *Indo-Ária*, os estudantes da Filosofia Oculta encontram o seguinte bastante sugestivo. Enquanto o período do reinado de 10 reis babilônicos pré-diluvianos

é de 432 000 anos<sup>4</sup>, a duração do *Kali-Yuga* pós-diluviano é também de 432 000 anos e as quatro idades ou divinos *Maha-Yuga* somam na totalidade 4 320 000 anos. Porque é que sendo extravagantes e ilusórias apresentam números idênticos, quando certamente nem os Arios, nem os Babilônios se copiaram uns aos outros? Chamamos a atenção dos nossos ocultistas para que revejam os três números identificados – 4 representa o quadrado perfeito, 3 a tríade (os sete princípios universais e os sete individuais), 2 o símbolo do nosso mundo ilusório, uma figura ignorada e rejeitada por Pitágoras.

É nos *Upanishads* e no *Vedanta*, que temos de procurar pelas melhores corroborações dos ensinamentos ocultistas. No mítica doutrina os *Rahasya* ou os *Upanishads* – “o único Veda de referência para os Hindus com entendimento hoje em dia” conforme confessa Monier Williams, – cada palavra, como o seu próprio nome indica<sup>5</sup>, contém um significado secreto. Este sentido só pode compreender-se por aquele que tem completo conhecimento do *Prâna*, a Vida Una, “o centro a partir do qual nascem os sete raios da Roda Universal” (Hino a *Prâna*, *Atharva Veda*, XI, 4).

Até os orientistas europeus reconhecem que todos os sistemas na Índia consideram o corpo humano composto por: (a) um corpo exterior ou grosseiro (*Sthûla-Sharîra*), (b) um corpo interno ou vaporoso/sombrio (*sukshma*), ou *linga-sharîra* (o veículo), ambos unidos por (c), a vida *Jîva* ou *Kârana Shârîra*, o corpo casual.<sup>6</sup> O sistema oculto ou esotérico divide estes corpos em sete, adicionando ainda mais quatro sistemas – *Kama*, *Manas*, *Buddhi* e *Atman*.

2 Ver Gênese, Capítulo VII, 2-4, 10-12.

3 Poema de Gilgamesh, tábua XI, 128-129, 146 e 157. Editora Nacional, Madrid, 1980.

4 Ver “Babylonia”, de George Smith, p.36. Aqui outra vez, como com os Manus e os 10 *Prajapatis* e os 10 *Sephiroths* no Livro dos Números – eles se reduzem para sete!

5 *Upa-ni-shad* significa, de acordo com as autoridades Bramânicas, “conquistar a ignorância revelando o Conhecimento Espiritual Secreto”. De acordo com Monier Williams, o título é derivado da raiz *sad* com a preposição *upa* e *ni*, e implica “algo místico que está sob a superfície”.

6 O *Kârana-sharîra* é muitas vezes confundido, pelos não iniciados, por *Linga-Sharîra*, e desde que é descrito como o embrião latente e rudimentar do corpo unido a ele. Mas o ocultista considera-o como a vida (corpo) ou *Jîva*, que desaparece após a morte, é reabsorvida, deixando o primeiro e terceiro princípio desintegrar-se e voltar aos seus elementos.

A filosofia Nyaya, ao tratar dos *Prameyas* (por meio dos quais os objetos e sujeitos de *Pramâna* podem ser entendidos corretamente), inclui entre os 12, os sete “princípios raiz” ou fundamentais (veja-se o sutra IX), que são,

1	A Alma	Âtman
2	O Espírito superior	Jivâtman
3	O Corpo	Dhâira
4	Os Sentidos	Indriya
5	A Atividade ou vontade	Pravritti
6	A Mente	Manas
7	O Intelecto	Buddhi

Os sete *Padârthas* (predicados ou atributos das coisas existentes) de *Kanâda* no *Vaiseshikas* refere na doutrina Oculta às sete qualidades ou atributos dos sete princípios.

1	Substância ( <i>dravya</i> )	→ <b>Sthûla Sharîra</b>
2	Qualidade ou propriedade ( <i>Guna</i> ) do princípio de vida	→ <b>Jîva</b>
3	Ação ou ato ( <i>Karman</i> )	→ <b>Linga Sharîra</b>
4	Comunidade ou mistura de propriedades ( <i>Sâmânya</i> )	→ <b>Kâma-Rûpa</b>
5	A personalidade ou individualidade consciente ( <i>Visheshâ</i> )	→ <b>Manas</b>
6	A coesão ou relação íntima perpetua ( <i>Samavâya</i> ), veículo inseparável de <i>Âtman</i>	→ <b>Buddhi</b>
7	A não existência ou não ser no sentido da objetividade ou substância ( <i>Abhâva</i> ) e como que separadas da mesma. <i>Âtman</i> é a mónada mais elevada	→ <b>Âtman</b>

Assim, quer vejamos o Uno como o *Purusha* Védico ou *Brahman* (neutro) a “essência que tudo entrelaça”, ou como o espírito universal, a luz de luzes” (*jyotisham jyotih*) o Total independente de toda relação dos *Upanishads*, ou como o *Paramatman* do Vedanta, ou ainda como *Kanada's Adrishta*, “a força invisível”, ou átomo divino, ou como *Prakriti*, a “essência eternamente existente”, de *Kapila*. Encontramos em todos estes princípios impessoais e universais a capacidade latente de desenvolvimento a partir deles próprios “seis raios” (sendo o sétimo o princípio evolutivo). O terceiro aforismo do *Sânkhya Kârikâ*, diz sobre *Praktiti*, que é a “raiz e substância de todas as coisas” e não o produto, que ele próprio é o produtor de “sete coisas que se convertem também em produtores”, oferece um significado puramente oculto.

O que são os “produtores” evolucionados a partir deste Princípio-Raiz Universal, *Mulaprakriti* ou a matéria cósmica primitiva indiferenciada, que se desenvolve a partir da sua própria consciência e mente, e é geralmente chamada “*Prakriti*” ou *Amûlam Mûlam*, “a raiz sem raiz” e *Avyakta*, o “evoluir não evoluído”, etc.? Este *tattwa* primordial ou “Aquilo eternamente existente”, a Ignota Essência, produz, segundo os ensinamentos, como primeira manifestação a *Buddhi* – o Intelecto – quer seja que apliquemos este último ao sexto princípio macrocósmico ou ao microcósmico. Este primeiro produto, produz (ou é origem de) *Ahankâra*, a “própria consciência” e *Manas*, a “mente”.

O leitor precisa de ter sempre em mente que *Mahat* ou grande fonte daquelas duas faculdades internas, “*Buddhi*” *per se*, não pode possuir nem consciência própria nem mente, ou seja, o sexto princípio do homem só pode conservar uma essência de autoconsciência pessoal ou “individualidade pessoal” absorvendo em si mesmo as suas próprias águas, que fluíram através dessa característica finita. Para *Ahankâra* isso é a percepção do “Eu”, ou sentido de individualidade pessoal, corretamente representado pelo termo Egoísmo, que pertence ao segundo, ou até ao terceiro produto dos sete, ou seja, ao quinto princípio ou *Manas*. É este último que desenha o “princípio raiz”, como a aranha

desenha a sua teia usando o fio de *Prakriti*, os quatro princípios elementais ou partículas subteis, – *Tanmatras*, a partir dos quais a “terceira classe” os *Mahabhutas* ou o princípio elementar grosseiro, ou melhor, os *sharîras* e *rûpas*, se desenvolveram – o *Kâma*, *Linga*, *Jîva* e *Sthûla Sharîra*. Os três *gunas* de “*Prakriti*” – *Satwa*, *Rajas* e *Tamas* (pureza, atividade passional e ignorância ou obscuridade) – formando um fio triplo ou corda, penetram os sete, ou melhor, os seis princípios humanos.

Depende do quinto – *Manas* ou *Ahamkâra*, o Eu – converter a corda *Guna* num só fio, o *Satwa*, e assim ao tornar-se o um com o “evoluir não evoluído”, ganhar a imortalidade ou existência consciente eterna.

Caso contrário irá resolver-se novamente na sua essência *Mahâbhautica*. Enquanto a corda de três fios não estiver desfiada, o espírito (a mónada divina) fica ligado pela presença de *Gunas* nos três fios, “como um animal” (*purusha pasu*). O espírito, *âtman* ou *jivatman* (o 6º e 7º princípio), quer seja ou macrocosmos ou microcosmos, embora esteja ligado por estas *gunas* durante a manifestação objetiva do universo ou homem, é ainda *nirguna*, i.e., está inteiramente livre delas. Dos três produtores ou desenvolvedores, *Prakriti*, *Buddhi* e *Ahankâra*, é o último que pode ser apanhado (tratando-se do homem) e destruído quando é pessoal. A “mónada divina” é *aguna* (isenta de qualidades), enquanto *Prakriti*, uma vez que passa do estado passivo *Mula-Prakriti* para o de *Avyakta* (um evoluído ativo), é então *Gunavat*, dotado de qualidades. Com este último, *Purusha* ou *Atman* não podem ter nenhuma relação (sendo incapazes de o perceberem no seu estado *gunavâtico*). Com o anterior – ou *Mulaprakriti* ou essência cósmica indiferenciada – tem relação, pois é Um e idêntico com ele.

O *Atma Bodha*, ou “conhecimento da alma”, tratado escrito pelo grande *Sankaracharya*, fala claramente dos sete princípios no homem (ver versículo 14). A estes denomina-os os cinco véus (*panchakosa*) nos

quais está contida a monada divina – o *Atman*, e *Buddhi*, o 7º e 6º princípio, ou a alma individualizada quando se diferenciou (sob a ação de *avidya*, *maya* e as *gunas*) da Alma Suprema – *Parabrahma*.

O primeiro véu é *Ananda-maya* – a “ilusão de suprema beatitude” – é o *Manas* ou quinto princípio dos ocultistas, quando unido com *Buddhi*.

O segundo véu é *Vijnana-maya-kosa* – a cápsula ou “véu da própria ilusão” – o *Manas* quando considera que o “Eu” ou Ego pessoal é o seu veículo.

O terceiro véu é *Mano-maya*, – a “mente ilusória” – associada com os órgãos da ação e da vontade, é o *Kamarupa* e *Linga-sharira* combinados, produzindo a ilusão do “Eu” ou *Mayavi-rupa*.

O quarto véu é *Prana-Maya* – a “vida ilusória” – o nosso segundo princípio e vida ou *Jîva* no qual reside a vida, o alento do véu.

O quinto véu é *Anna-maya* – o véu conservado pelo alimento – o nosso corpo material.

Todos estes véus produzem outros véus menores, ou seis atributos ou qualidades cada um, sendo sempre o sétimo o véu raiz ou fundamental. E o *Atman* ou espírito, ao passar como um fio por todos estes corpos etéreos, é chamado a Alma-fio ou *Sûtrâtman*.

Com isto podemos dar por finalizada a presente demonstração. Na verdade, poderíamos considerar a doutrina Esotérica como a “doutrina do fio”, visto que, como *Sutratman* ou *Pranatman* penetra e une a todos os antigos sistemas filosófico-religiosos, e o que é mais importante, os reconcilia e explica. Mesmo que pareçam tão diferentes exteriormente entre si, descansam todos numa base única, cuja extensão, profundidade, amplitude e natureza são conhecidas por aqueles que se tornaram, em semelhança aos “Homens Sábios do Oriente”, em adeptos da Ciência Oculta.



Sankaracharya, Ravi Varma. Public Domain



Visvamitra visita o eremitério de Vasishtha. Public Domain

# RAMAYANA

*Por José Carlos Fernandez*

Escritor e Diretor da Nova Acrópole Portugal

(Continuação do artigo: O Rishi Vashishta e a Vaca que outorga todos os desejos.

Publicado na revista Pandava III)

## Livro I: Balakanda

### Capítulo 52

Como o rei Vishvamitra visitou o eremitério de Sri Vasishtha e aceitou a hospitalidade oferecida pela vaca dadora de desejos, Shabala.

Contemplando o eremitério, o poderoso Vishvamitra ficou muito feliz, curvou-se com grande humildade a Sri Vasishtha, que estava envolvido nas suas orações com o rosário.

Sri Vasishtha deu as boas-vindas ao rei e pediu-lhe que se sentasse e, ao fazê-lo, ofereceram-lhe os frutos e raízes que cresciam naquele lugar.

Honrado pelo santo sábio, o rei Vishvamitra perguntou ao sábio se tudo corria bem com o sacrifício do fogo, as suas práticas espirituais e com seus discípulos. Sri Vasishtha relatou-lhe tudo sobre o seu bem-estar e o bem-estar de todos os que estavam no eremitério, incluindo as próprias árvores.

Sentando-se confortavelmente, Sri Vasishtha disse ao rei Vishvamitra, eminente entre os yogis e até entre um dos filhos de Sri Brahma: «Ó rei, está tudo bem contigo? Satisfazes os teus súbditos de acordo com a lei da justiça, governas e proteges o teu povo de acordo com a lei espiritual? Será a tua renda recebida e aumentada de maneira justa? Será administrado judiciosamente e distribuída por aqueles que são escolhidos e que o merecem? Os teus servos são remunerados como devem? Os teus súbditos obedecem-te de bom grado? Ó soberano, derrotas-te os teus inimigos? Ó rei sem pecado, vai tudo bem com o teu exército, o teu tesouro, os teus amigos, os teus filhos e netos?»

Em resposta a essas perguntas, o rei Vishvamitra disse humildemente: «Está tudo bem, meu Senhor!»

Conversando agradavelmente por um longo período de tempo, narrando antigas tradições, assim encontraram prazer mútuo.

Ó Príncipe da Casa de Raghu, quando o rei Vishvamitra terminou, Sri Vasishtha disse-lhe com um sorriso: «Ó rei, mesmo que tu tenhas uma ótima comitiva, é meu desejo oferecer-te hospitalidade, assim como ao teu exército. Espero que o aceites. Como tu és um convidado honrado, sei que devo fazer tudo ao meu alcance para te entreter; portanto, tem a gentileza de receber o pouco que tenho para te oferecer.»

O rei Vishvamitra respondeu-lhe: «Ó Senhor, a tua bondade e palavras agradáveis são entretenimento mais do que suficiente. Além do mais, tu já me ofereceste frutas e a água limpa do teu eremitério. Ao encontrar-te sozinho, não terei sido já honrado o suficiente? Ó supremamente sábio, será certo que eu te ofereça reverência; Agora que já me divertiste, deixa-me cumprimentar-te e ir-me embora.»

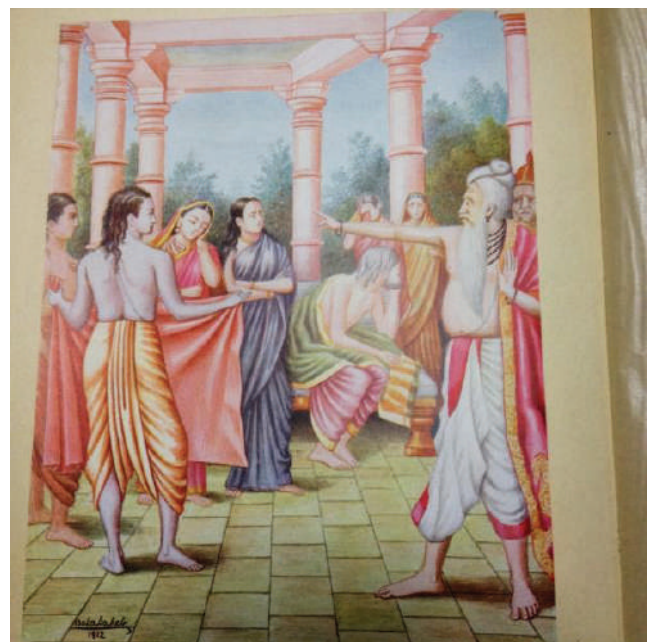
O grande sábio recusou-se a aceitar a recusa do rei à sua oferta e insistiu novamente em entretê-lo.

Então, Vishvamitra disse: «Que assim seja, meu Senhor, farei o que quiseses.»

Com essas palavras, Sri Vasishtha mandou chamar a sua vaca manchada favorita, Kamadhenu, e disse-lhe: «Ó Shabala, aproxima-te e ouve-me; desejo oferecer hospitalidade ao rei e ao seu exército. Ó amável, tu és a vaca que outorga todos os desejos e que pode realizar qualquer coisa, cria agora refeições esplêndidas que lhes sejam agradáveis, de acordo com os seis tipos de gostos [2]. Produz rapidamente todo o alimento que possa ser consumido, bebido, lambido ou sorvido.»

## Capítulo 53

O rei deseja possuir Shabala, mas Sri Vasishtha não renuncia a ela.



Sri Vasishtha. Wikipedia

A vaca Shabala atendeu às necessidades de todos, de acordo com as instruções de Sri Vasishtha. Foram distribuídos cana-de-açúcar, doces de vários tipos, mel, cevada triturada, vinho e outras bebidas excelentes, arroz quente empilhado no alto de montanhas, leite, *curry* e outros pratos que combinam os seis gostos e inúmeros outros com doces feitos de *jagari*. [3] Cada um ficou totalmente satisfeito e encantado com a hospitalidade de Sri Vasishtha, que deu a todos os companheiros e servos do rei Vishvamitra tudo o que estes desejavam.

O rei, com os seus sacerdotes familiares, ministros e assistentes, participando da festa oferecida com generosidade e respeito pelo grande sábio, ficou muito satisfeito.

Quando todos os conselheiros, assistentes pessoais e o exército receberam a mais completa das hospitalidades, o rei, totalmente satisfeito, disse a Sri Vasishtha: «Ó Santo Sábio, honraste-me de uma maneira real, por favor, ouve o que te tenho a dizer, ó Eloquentes! Ó Senhor, dá-me a vaca Shabala em troca de cem mil outras excelentes vacas! Shabala é uma jóia e cabe ao rei valorizar as jóias – de acordo com a lei natural. Portanto, o tesouro deve ser meu.»

Sri Vasishtha respondeu-lhe, dizendo: «Ó rei, não me separaria de Shabala trocando-a por dez milhões de vacas, menos ainda por cem mil. Se tu me oferecesses montanhas de prata, ainda assim, recusar-me-ia a dar-te Shabala, porque é no meu eremitério o seu lugar.»

*«Ó rei, tal como a um homem justo lhe importa o seu bom nome, eu também me importo com Shabala. Ela ajuda-me a satisfazer os devas, os pitris e outros seres. O meu sacrifício ao fogo sagrado e outros rituais védicos, além dos vários ramos da aprendizagem, dependem de Shabala. Ó grande Governante, de facto, eu não posso desistir desta vaca, ela é tudo para mim e atende a todas as minhas necessidades. Por estas e muitas outras razões, recuso-me a dar-te a vaca. Ó rei, na verdade, não me separarei de Shabala.»*

Estas palavras de Sri Vasishtha limitaram-se a aumentar o desejo do rei e ele, sob grande emoção, declarou apaixonadamente:

*«Ó grande Muni, dar-te-ei quatorze mil elefantes adornados com ornamentos de ouro, ornamentos e esporas, e, além disto, dar-te-ei cento e oito carros de ouro maciço, cada um dirigido por quatro cavalos brancos da cor do leite. E, simultaneamente, ofereço-te onze mil cavalos bem treinados, cada um com um arnês de ouro e outros dez milhões de vacas de várias cores, jovens e saudáveis. Oh, dá-me a*

*Shabala e eu dar-te-ei todo o ouro que quiseres em troca. Concede-me Shabala, eu imploro-te, e aceita os meus presentes, ó Sábio!»*

Então o sábio Vasishtha disse: «Sob condição nenhuma deixarrei Shabala, ó rei, ela é a minha jóia e a minha riqueza. Ela é a minha própria vida, a minha amada, e ela fornece-me as esmolas e tudo o que preciso para o sacrifício. Em resumo, ó rei, Shabala é a fonte da minha vida espiritual e, como tal, nunca a abandonarei.»

## Capítulo 54

O rei Vishvarmitra tenta levá-la pela força.



Um rei ajoelhado diante de Shabala. Creative Commons

Ó Rama, sentindo que Sri Vasishtha não estaria disposto a consentir separar-se da vaca, Vishvamitra decidiu levá-la pela força.

Ó Raghava, enquanto Shabala era tomada pela força, perturbada pela dor, ela começou a reflectir assim: «Por que motivo me abandona o santo Vasishtha? Quando é que terei ofendido o santo sábio? Porque é que os servos do rei me arrastam para longe do eremitério? Eu sou inocente e dócil, o santo Muni é-me querido; Que culpa cometi para que Mahatma Vasishtha me abandone?»

Suspirando repetidamente, Shabala, livrando-se dos criados do rei, pôs-se a correr rapidamente e deitou a sua cabeça aos pés do santo sábio. Diante de Sri Vasishtha, derramando lágrimas e chorando alto, ela gritou: «Ó Senhor, ó Filho de Brahma! Ter-me-ás realmente abandonado? Porque é que os

servos do rei me arrastam à força para longe da tua presença?»

Vendo Shabala, profundamente afectado, Sri Vasishtha dirigiu-se a ela como faria com a sua própria irmã, dizendo: «Ó Shabala, não é por minha vontade que estás a ser levada de mim, nem me ofendeste de maneira alguma, ó amável. Embriagado pelo desejo, o rei está a levar-te de mim pela força. Não tenho poder para te defender. O rei é um guerreiro e um senhor da terra, ele é apoiado por um exército poderoso com cavalos, elefantes e carros, ele é certamente mais poderoso que eu.»

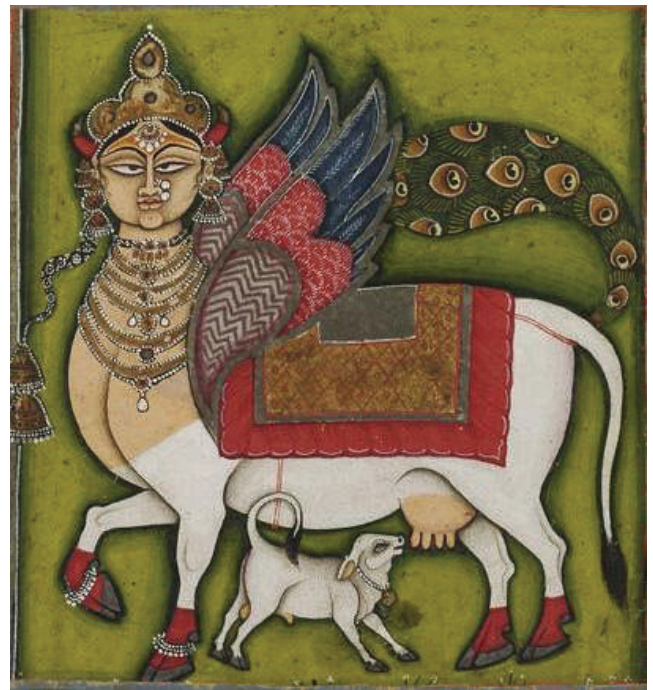
Shabala, especialista em argumentos, ouviu as palavras de Sri Vasishtha e disse-lhe: «Ó Santo Sábio, o poder de um guerreiro não é nada comparado ao de um sábio sagrado. Ó ilustre Senhor, a força de um sábio é divina e baseada no exercício de práticas e disciplinas espirituais; portanto, não tem limites; Tu és, Senhor, incomensuravelmente mais forte do que um *kshatriya*. O poder desse poderoso rei Vishvamitra é grande, mas não pode corresponder à tua força e esplendor. Ó Senhor, através da tua força e energia, permite-me destruir o poder e o orgulho deste homem mau e miserável.»

Sri Vasishtha respondeu-lhe: «Que assim seja! Cria um exército com a tua energia espiritual, para que destrua as forças do rei.» Mugindo poderosamente, Shabala, obediente ao sábio, produziu instantaneamente centenas de soldados estrangeiros, que começaram a destruir o exército de Vishvamitra enquanto ele observava. Pressentindo que o seu exército estava prestes a ser destruído, o rei Vishvamitra ardia em fúria e, montando a sua carruagem, com os olhos vermelhos de raiva, lançou-se ao ataque. Com várias armas, começou a matar milhares de homens, e Shabala, vendo o exército criado por ela ser aniquilado, produziu seres estrangeiros chamados *shakas*, em número tão grande que encheram toda a terra. Com grande coragem, as suas peles brilhando como ouro, vestidos com armaduras amarelas, carregando cimitarras e maças, começaram a consumir o exército de Vishvamitra como um fogo furioso.

Então, o grande Vishvamitra, com a ajuda de armas yóguicas, começou a lançar a desordem nas fileiras das forças produzidas por Shabala.

## Capítulo 55

Shabala cria um exército que aniquila as forças de Vishvamitra



Shabala, a vaca dadora de desejos. Public Domain

Enquanto os poderosos guerreiros caíam, perfurados pelas armas das forças de Vishvamitra, Sri Vasishtha disse a Shabala: «Ó Shabala, cria mais guerreiros com o poder do yoga.»

Shabala, mugindo poderosamente, produziu soldados bem armados de seus pés e úberes, e dos seus pêlos e coxas nasceram os extraordinários guerreiros Harita e Kirata. Devido a estes, todo o exército de Vishvamitra, com os seus elefantes, cavalos e carros, foi instantaneamente destruído. Contemplando todo o seu exército exterminado pelo poder de Sri Vasishtha, os cem filhos do rei Vishvamitra, com armas poderosas e várias armas comandadas pelo pensamento, avançaram furiosamente contra o santo sábio Vasishtha. Sri Vasishtha limitou-se a pronunciar o som «Hm» e todos foram imediatamente consumidos. O grande

sábio Vasishtha, a infantaria, a cavalaria e os carros, juntamente com os filhos do rei Vishvamitra, foram instantaneamente transformados em cinzas.

Então, o ilustre monarca Vishvamitra, cujos filhos e exército foram aniquilados, ficou cheio de vergonha e consternação. Privado da sua glória, parecia um oceano sem ondas ou uma serpente desprovida de presas ou o sol durante um eclipse. Como um pássaro sem asas, a sua confiança abalada, o seu orgulho humilhado, ficou perturbado pela ansiedade. Dando o reino ao único filho ainda vivo, ele exortou-o a governar de acordo com o *dharma* e depois retirou-se para a floresta para se dedicar às práticas ascéticas.

Passado algum tempo, ele recebeu a graça de Sri Mahadeva [4], o magnânimo doador de bênçãos e, aparecendo diante de Vishvamitra, ele dirigiu-se-lhe dizendo: «Ó rei, porque realizas tais penitências? Vou conceder-te o que pedes.»

Curvando-se para Sri Mahadeva, Sri Vishvamitra disse-lhe: «Ó grande Deus, se eu encontrei em ti o favor, então instruí-me nas *Upanishads* e noutros ramos do conhecimento, ensina-me também os mistérios e a ciência do arco e da flecha. Que todas as armas conhecidas pelos *danavas*, *yakshas*, *asuras* e outros seres me sejam reveladas pela tua sua graça.»

Ouvindo o pedido do rei, Sri Shiva respondeu-lhe: «Que assim seja!» e retornou à sua residência.

O rei Vishvamitra, tendo adquirido as várias armas de Mahadeva, ficou tão feliz quanto o mar durante a lua cheia. E então ele decidiu subjugar o sábio Vasishtha, considerando-o já cativo.

Chegando ao seu eremitério, lançou as suas grandes armas como uma chuva de fogo, queimando a floresta Tapovan. Afligidos por estas terríveis armas, todos os sábios começaram a fugir nas quatro direcções do espaço, aterrorizados; até os discípulos de Sri Vasishtha, juntamente com incontáveis pássaros e animais, correram em todas as direcções. O eremitério de Sri Vasishtha tornou-se num deserto e um profundo silêncio caiu sobre ele, fazendo-o parecer um campo árido.

Sri Vasishtha gritou repetidamente: «Não temam, não temam, destruirei Vishvamitra enquanto o sol limpa a névoa da manhã.»

Então o grande sábio Vasishtha, o primeiro de entre aqueles que praticam a oração silenciosa, dirigiu-se com raiva a Vishvamitra dizendo:

*«Tu destruístes o meu antigo e auspicioso eremitério, ó desgraçado e iludido perverso, tu próprio serás destruído.»*

Pegando no seu bastão, como o bastão de Yama, ele avançou como uma chama nua.

## Capítulo 56

Sri Vasishtha, através da sua força espiritual, derrota Vishvamitra, que se dedica a penitências.



Vasishtha convoca Shabala, a vaca da abundância, para prover um banquete. Public Domain

Ao ouvir as duras palavras ditas por Sri Vasishtha, Vishvamitra, erguendo a arma de fogo, gritou-lhe: «Prepara-te! Atenção!» Então, Sri Vasishtha, levantando o seu bastão de Brahma com raiva, exclamou: «Ó mais vil dos guerreiros, aqui estou eu, larga todas as tuas armas, excepto aquelas dirigidas pelo pensamento que obtiveste do Senhor Shiva. Ó filho de Gadhi, hoje vou privar-te de todas essas armas! Como é que o teu poder de guerreiro pode ser comparado ao de um sábio divino? Ó estúpido desgraçado, olha para a minha energia divina!»

Dito isto, Sri Vasishtha apagou a perigosa arma de fogo que Vishvamitra atirara contra ele tal como a água apaga o fogo. Então, o filho de Gadhi fez outras armas perigosas sobrevoarem o santo sábio, as armas Varuna, Rudra, Indra, Pashupata e Ishika, juntamente com as armas Manava, Mohana, Gandharva, Svapana, Jrimbhana, Viadana, Santapana e Vilapana; Shoshana, Darana e o terrível Vatra; o Brahma-pasha e o Kalapasha, o Varuna-pasha e o inestimável Pinaka e também os mísseis Shushka e Ardra, a arma Danda e Pisacha, o Krouncha e o disco Dharma, o disco Kala e o disco Vishnu, assim como a arma Vayuvya, Mathana e Haya-shira com as duas Shaktis, o Kankala,

Mushala, Vidyadhara, Kala, o tridente Kapala e o Kankana. Todos estes ele lançou contra o santo sábio.

Então, Sri Vasishtha realizou uma grande maravilha e, apenas com o seu bastão, destruiu todas as armas de Vishvamitra. Vendo como suas armas haviam perdido a sua eficácia, Vishvamitra levantou o Brahma-Astra. Com isso, Agni, os sábios divinos e os seres celestiais foram inundados pelo terror e os três mundos tremeram de medo. Mas através do seu

poder espiritual e do estudo e prática de Brahman-Vidya, Shri Vasishtha subjugou o Brahma-Astra. Quando Sri Vasishtha consumiu essa tremenda arma, o seu semblante encantador e agradável manifestou-se de forma terrível e raios de luz saíram de todos os poros do seu corpo, enquanto o bastão do santo sábio, brilhando como fogo, explodiu em chamas.

Todos os sábios começaram a orar a Sri Vasishtha, dizendo:

*«O teu poder é inigualável e sempre produtivo do bem, pelo poder do teu Yoga, tu pacificaste o Brahma-Astra. Ó santo Sábio, tu humilhaste o orgulho de Vishvamitra. Ó grande asceta, acalma-te, para que também nós nos possamos libertar do medo.»*

Sendo referido desta forma, Sri Vasishtha assumiu sua atitude habitual e Vishvamitra, tendo sido derrotado e suspirando profundamente, exclamou:

*«Ai, ai do poder de um guerreiro! O verdadeiro poder é o poder espiritual. Sri Vasishtha conquistou, através da sua força espiritual, totalmente a minha. Portanto, abandonarei a minha natureza de guerreiro e procurarei obter o brahmanismo.»*

\*

[1] Ramayana, da tradução em inglês de Hari Prasad Shastri. Tradução para o espanhol por Jose Carlos Fernández.

[2] Os seis tipos de sabor: doce, amargo, ácido, salgado, picante e acre.

[3] Jagari - açúcar indiano grosso e amarelo, feito de óleo de palma.

[4] Grande Deus, epíteto de Shiva



Khon - Dança tradicional tailandesa que reproduz cenas do Ramayana. Pxfuel

# RAMAYANA: A LENDA DO PRÍNCIPE RAMA

Por Cleto Saldanha

Filme Animado (1992)

Este filme animado é uma produção indo-japonesa, dirigida e produzida por Yugo Sako. Realizado por ocasião da celebração do 40º aniversário das relações diplomáticas entre a Índia e o Japão, e o conceito foi combinar um elemento da tradição indiana - o argumento fundamenta-se no épico da Índia antiga, o *Ramayana*; e um elemento da tradição nipônica - a técnica de animação conhecida como *anime* e que muitos fãs tem pelo mundo.

A animação começa com a contextualização do momento em que a ação irá decorrer, falando de um rei maléfico e despótico chamado Ravana,

governante da ilha de Lanka; e da origem de Rama, o herói deste épico, que nasceu em Ayodhya (“A cidade que ninguém pode desafiar na guerra”, alusão à sua força e prosperidade), um dos quatro filhos do rei Dasharatha. Este último é descrito na versão escrita do *Ramayana* como sendo um governante cuja “principal riqueza era a preeminência da verdade e da virtude; (...) alguém que nunca quebrava a sua palavra, que era sempre prudente, majestoso e amado pelos seus súbditos<sup>1</sup>”. Uma das suas principais virtudes era nunca quebrar

1 Valmiki, *Ramayana*, tradução de Eleonora Meier, 2015, p. 35.

uma promessa feita, o que será a causa do seu maior desgosto, como se verá mais à frente.

Conta a história que quando Rama tinha 15 anos, o poder de Ravana estava no seu auge. O épico, na versão escrita, refere que “Esse senhor dos Rakshasas<sup>2</sup> tem oprimido os três mundos (...). Provocando os sábios, contemplativos, brâmanes e os deuses, ele mesmo controla os raios do sol e o poder do vento, o próprio oceano fica imóvel na sua presença”<sup>3</sup>. Ou seja, Ravana é a causa da instabilidade no mundo dos humanos e dos deuses, perturbando a ação de ambos e interferindo com a Natureza, manuseando-a a seu gosto.

Farto de estar a ser sempre incomodado nos momentos cerimoniais pelos demónios sob o comando de Ravana, um sábio, chamado Vishvamitra, a conselho de Vishnu, decide dirigir-se para a corte do rei Dasharatha, para lhe solicitar que deixasse o seu filho, Rama, vir com ele para poder matar as criaturas maléficas, principalmente a mais ameaçadora delas, Tadaka.

Vishnu aconselha que o sábio requirite Rama porque este guerreiro havia nascido como uma encarnação sua e fazia parte do plano do Supremo Deus Brahma para matar Ravana, acedendo, deste modo, à solicitação de seres celestiais, *gandharvas*<sup>4</sup> e *siddhas*<sup>5</sup>.

Era habitual um Deus encarnar num corpo mortal sempre que a injustiça e a violência imperassem, e fosse necessário fazer regressar a justiça e a harmonia. Neste caso, o príncipe, era um Avatar, um Deus encarnado, e seria a arma utilizada para matar o maléfico Ravana, porque a este último tinha sido concedido o pedido de que nenhum *ghandarva*, *yaksha*<sup>6</sup> ou *deva*<sup>7</sup> alguma vez o conseguisse matar. Mas, por desprezo aos mortais, Ravana não tinha incluído os humanos nesse seu pedido. Assim sendo, somente um mortal conseguiria colocar

um fim à sua existência. Estão apresentados os dois principais personagens deste épico: Rama, o herói, que simboliza o Eu Superior, a parte divina em todo o ser humano; e Ravana, o maléfico demónio, que representa o Ego, a parte egoísta e ambiciosa que reside no interior do ser humano. O confronto entre ambos representa a luta entre a parte Espiritual e a parte Material que coexistem no interior do Homem. O campo de batalha será a ilha de Lanka, o campo da consciência, à semelhança do Kurushetra no *Bhagavad-gita*.

A ação no filme prossegue com Vishvamitra a insistir com o rei para que deixasse Rama ir com ele, apesar do rapaz ainda ser um adolescente. Conseguida a autorização, ambos partem na companhia de Lakshmana, irmão e fiel companheiro do herói.

Chegados a um bosque, à noite, Vishvamitra começa a ensinar aos dois irmãos um *mantra*<sup>8</sup> para os ajudar a matar a maléfica, demónio fêmea Tadaka, que aterrorizava constantemente aquelas paragens, com a assistência do seu filho Maricha.

A sua imagem era pavorosa, com um corpo descomunal e aspeto bestial, simbolizando a força dos poderes tenebrosos, à semelhança do enorme Dragão que combate S. Jorge, ou da grande serpente que combate Apolo. É a primeira prova do herói, o despertar da consciência para o lado mais obscuro que existe no Homem.

Com uma flecha lançada enquanto recitava um *mantra*, Rama consegue matar Tadaka e colocar um fim ao tormento a que os sábios se encontravam submetidos, acossados constantemente pelos demónios.

Como recompensa, os dois irmãos recebem das mãos do sábio, armas mágicas, denominadas, na tradição hindu, de *astra*. Constituem um conjunto de armas sobrenaturais com poderes espirituais e que se encontram associadas a Divindades específicas. Devido à sua natureza, elas deviam ser utilizadas sabiamente, na defesa da Justiça e do *Dharma*<sup>9</sup>.

2 Demónios, inimigos dos deuses.

3 Valmiki, *Ramayana*, tradução de Eleonora Meier, 2015, p. 46.

4 Músicos celestiais.

5 Seres semidivinos que moram na região entre a terra e o sol.

6 Espíritos da natureza, usualmente benevolentes mas que por vezes podem ser caprichosos.

7 Deuses, literalmente quer dizer “brilhante”.

8 Palavra ou frase que se recita para conseguir libertar a mente para a meditação ou para invocar uma divindade.

9 Lei que promove a ordem em todo o universo.

Após este episódio, Rama e Lakshmana dirigem-se à cidade de Mithila, onde o rei se encontra a lançar um desafio a vários príncipes: quem conseguir encordoar o enorme arco de Shiva terá a mão da sua filha, a princesa Sita, em casamento.

O lançamento de desafios para determinar qual seria o melhor pretendente para as princesas era normal na antiga Índia, pois era uma maneira dos governantes avaliarem a habilidade e o valor de cada príncipe guerreiro, enquadrado dentro do espírito *kshatrya*<sup>10</sup>.

Na versão escrita do *Ramayana*, é referido que Sita nasceu da terra, mais especificamente, surgiu de um sulco enquanto o rei Janaka arava para a realização de um sacrifício. Literalmente Sita significa “sulco”. Ela representa a alma que surge pura e descontaminada da natureza. Será alvo de muitos pretendentes, mas somente o mais puro de coração é que conseguirá obter a sua mão.

O filme mostra como Rama consegue encordoar o arco e, deste modo, obter a mão da princesa em casamento. Este episódio simboliza a união entre o Eu Superior e a alma.

O teste do arco está relacionado com uma prova de masculinidade, de virilidade. Outros personagens mitológicos, como Ulisses, também são submetidos



Friso com cenas esculpidas do Ramayana na parede norte do templo monolítico de Kailasa, Bombaim, Índia (725-755 d.C.).  
Creative Commons

ao mesmo género de teste com essa arma. O arco, em conjunto com as flechas, surge em muitos mitos sendo transportado por heróis e deuses como Apolo, Indra, Astarté, Arjuna e Ninurta, só para citar alguns.

A ação prossegue, relatando que algum tempo de paz decorre sem grandes incidentes. Porém, estes tempos de harmonia não tardariam a sucumbir. O sábio Vashishtha lança um aviso ao rei Dasharatha, afirmando que se aproximavam tempos difíceis. Já com uma idade avançada, o rei diz estar cansado para poder estar à altura dos futuros acontecimentos e decide abdicar em prol do seu filho Rama.

Porém, a intriga espalha-se na corte do rei, pois Manthara, uma anciã, serva de Kaikeyi, uma das esposas de Dasharatha, implanta a semente da ambição no coração da sua senhora.

Afirma que ela não deveria ficar contente com o facto de Rama ficar com o trono já que este poderia perfeitamente ser dado ao seu filho, Bharata. As duas traçam um plano para ludibriar Dasharatha e fazer com que Rama fique sem o poder.

Numa noite, Kaikeyi chora desconsoladamente e o rei vai ter com ela perguntando a razão daquele desalento. A rainha recorda-lhe um episódio do passado, em que o governante, ferido numa guerra, é amparado por ela. Nessa altura, Dasharatha afirmou que concederia a Kaikeyi dois desejos que ela poderia reclamar quando quisesse. Afirmo a rainha que tinha chegado o momento e pede algo que vai marcar o curso dos acontecimentos e causar um imenso desgosto no rei: em primeiro lugar ordena que o trono seja concedido ao seu filho Bharata, e em segundo que Rama seja exilado durante 14 anos.

Apesar da dor intensa que o preenche, Dasharatha não tem outra opção senão aceitar a imposição da sua esposa. Como rei que era não poderia quebrar a palavra dada.

Rama teria que partir, mas não irá sozinho já que Sita e Lakshmana decidem ir com ele, partilhando

<sup>10</sup> Casta guerreira na tradição indiana.

a sua sorte. Simbolicamente isto está relacionado com o facto de após ter descoberto o Eu Superior (Rama), a alma (Sita) já não o querer abandonar. Lakshmana, numa das chaves simbólicas, é a Inteligência (*Buddhi*, na Índia), ou seja, o elemento que permite o enlace entre a alma e o Eu Superior

É interessante observar o episódio da despedida de Rama do palácio. O seu pai tortura-se perante ele, questionando sobre a razão deste não se revoltar e de não sentir rancor pela decisão tomada. Com uma grande serenidade e paz de espírito Rama diz ao pai que não ambiciona o reino nem o poder e que simplesmente quer a sua bênção antes de partir. Mesmo perante Kaikeyi, a pessoa responsável pela sua presente condição, ele ajoelha-se e pede a sua bênção.

Como filho devia respeitar a decisão do pai, e como príncipe devia aceitar a vontade do rei.

Finalmente, os três partem rumo à floresta.

Nesta cena podemos constatar que o Eu Superior não tem ambição pelo poder terrenal, ele sabe que o mais importante é seguir o caminho das virtudes, do cumprimento do dever. No caso de Rama isso passaria por obedecer como filho e como subordinado.

A cena também ilustra a entrada do Eu Espiritual no seio da multiplicidade, aqui representada pela floresta, que é, também, o labirinto da vida, onde se encontram os perigos e as tentações capazes de desviar a alma da sua união com a parte divina.

Passado pouco tempo, relata-nos o filme, o Rei falece mergulhado num profundo desgosto,

chamando pelo nome do seu amado filho Rama Bharata dirige-se rapidamente ao palácio ao saber do ocorrido.

Chega ao palácio do Rei sem ter a noção de que Rama estava ausente. Questiona-se sobre a sua ausência e apercebe-se da trama que a sua mãe urdiu em conjunto com a sua criada para exilar Rama e conceder o trono a ele, Bharata.

A reação que teve não era aquela que Kaikeyi esperava. A versão escrita relata como zangado e aflito Bharata repudia a ação da mãe e repreende-a duramente: “De que me servirá o trono, visto que estou ferido pela morte de meu pai e desprovido do meu irmão, que era como um pai para mim? Tu destruíste o rei, e baniste Rama, levando-o a tornar-se um asceta! (...) Meu pai sem saber que eras um fogo devorador, te sustentou. Ó pecaminosa, tu privaste o rei de vida!”<sup>11</sup>

A natureza de Bharata não era a da sua mãe, as suas ações não eram impulsionadas pela ambição, mas pela honra e pela piedade filial. Sem perder tempo parte para o bosque em busca do seu irmão. Ao chegar ao sítio onde Rama morava, informa-o sobre a morte do pai e pede-lhe encarecidamente que volte para reinar sobre Ayodhya. Rama, porém, não aceita. Apesar do seu pai ter morrido ele não iria contrariar, como bom cumpridor do *dharma*, a última determinação do rei.

Bharata compreende, e aceita governar, mas em nome do seu irmão e até ao momento em que ele saia do exílio. Um nobre sentimento de concórdia preenche o coração de ambos irmãos e, fraternalmente, despedem-se um do outro.

<sup>11</sup> Valmiki, *Ramayana*, tradução de Eleonora Meier, 2015, p. 223.



Rama, a sua esposa Sita e irmão Lakshmana no exílio na floresta, manuscrito de 1780. Pulic Domain

A vida na floresta decorre tranquilamente para Rama e os seus acompanhantes até ao momento em que Shurpanakha, irmã mais nova de Ravana, entra em cena disfarçada de uma bonita mulher e, encantada com a beleza do herói, tenta seduzi-lo. Recusada por este, pois Rama diz que é feliz no seu casamento, a demónio feminina mostra a sua verdadeira aparência e tenta matar Sita, mas vê a sua tentativa travada quando Lakshmana lança uma faca que lhe corta o nariz.

Shurpanakha surge como a tentação, o desejo que se apresenta sob uma bela forma e que tenta separar o Eu Superior da sua união com a alma. Os perigos do desejo são subtis, pois no início surge como algo agradável de desfrutar. Porém, à medida que o ser humano vai procurando reproduzir essa sensação de agrado, vai gerando paulatinamente uma necessidade.

Quando o ser humano se entrega ao deleite sensorial, começa a negligenciar o seu mundo interior, a sua dimensão espiritual, pois a sua atenção começa a virar-se para fora. Com o tempo, a necessidade vai-se enraizando e com isso surge o apego aos prazeres do mundo sensível, criando a ilusão de que não se pode viver sem eles. Essa é a face obscura que Shurpanakha esconde sob a ilusão da beleza com que se apresenta a Rama. Nesta situação, a Inteligência desempenha um papel importante pois é ela que permite distinguir entre o supérfluo e o essencial, entre o mau e o bom, entre o ilusório e o real. Lakshmana rejeita liminarmente Shurpanakha, ferindo-a e afastando-a com determinação.

Continua a ação. Cheia de dor, o ser demoníaco foge e apresenta-se perante o seu poderoso irmão, Ravana, a chorar. Relata que foi atacada por Lakshmana e descreve a cintilante beleza de Sita, uma princesa digna de um rei poderoso como ele, Ravana. Este sente-se imediatamente tentado e decide-se a raptar Sita. É a ambição do Ego, que pretende ter a alma para si seja por qual meio for.

Engendra um ardil: iria com Maricha, um demónio com o poder da transformação, à morada de Rama e raptaria Sita após afastar os seus dois protetores de casa.

Então, num belo dia, os dois demónios aparecem perto da cabana onde Rama e os seus companheiros vivem. Maricha transforma-se num lindo cervo com pelo dourado que capta a atenção de Sita. Esta fica tão encantada que pede a Rama que capture o animal para ela. Este acede e parte deixando o seu irmão com a esposa. Só que Lakshmana também é atraído para longe da cabana ao ouvir a voz de Rama a pedir ajuda, Sita fica sozinha e é enganada por Ravana que, disfarçado de um asceta que mendiga comida, consegue raptar a bela princesa partindo no seu carro voador.

Esta situação mostra-nos a incapacidade que a alma ainda tem de resistir às tentações. É certo que não são tentações sensoriais, como desfrutar de uma boa comida, mas são tentações mais subtis, como desejar algo belo. Sita deixa-se seduzir pela

beleza e elegância do cervo dourado e quer tê-lo para ela. Com isso deixa-se levar pela influência do Ego (Ravana), que tem a capacidade de criar muitas ilusões mentais de modo a distrair a alma daquilo que realmente importa, a sua ligação com a dimensão espiritual. Com as suas ilusões o Ego consegue puxar a alma para o mundo material, simbolizado pelos domínios de Ravana na ilha de Lanka.

Quando se apercebe do rapto de Sita, Rama fica furioso, mas Lakshmana, no seu papel de fiel conselheiro, tenta apaziguar o seu irmão referindo que a ira não é uma boa via para a ação justa.

É aconselhado a pedir ajuda a Sugriv, rei dos Vanaras, o povo dos macacos.

Estes Vanaras desempenham um papel importante nesta saga, pois podemos ver na versão escrita do *Ramayana* que entre eles se encontravam vários deuses encarnados como consequência de um pedido que o Supremo Deus Brahma dirigiu aos outros deuses: “O abençoado Senhor Vishnu (...) está engajado numa tarefa justa para o bem de todos [a luta contra Ravana], vocês, portanto devem apoiá-lo encarnando como grandes seres na tribo de macacos, hábeis nas artes da magia, velozes como o vento, conhecedores dos ditames da virtude, sábios e iguais em força ao Senhor, invencíveis, dotados de corpos celestes e hábeis na ciência da guerra. Alguns dentre vocês devem assumir as formas de ninfas, *gandharvas* e mulheres ascetas que darão à luz heróis na tribo dos macacos [Vanaras]”<sup>12</sup>.

Entre esses heróis encontravam-se o próprio rei, Sugriv, gerado pelo Sol, e o seu ministro, Hanuman, filho de Pavana, Senhor dos Ventos, e que superava todos os outros guerreiros em sabedoria e poder. Para além de ser rápido como o vento devido à sua ascendência paterna, Hanuman tinha sido agraciado pelos outros deuses com diversos atributos: Agni tinha-lhe concedido a imunidade ao fogo, Indra tinha-lhe concedido a força de um relâmpago, Brahma atribuiu-lhe a capacidade

de mudar de tamanho consoante a sua vontade e Vishnu concedeu-lhe uma arma mágica, uma enorme maça. A tradição indiana considera-o um *Brahmacharia*, ou seja, alguém que segue o caminho de Brahma. Ao encontrar-se com Rama, Hanuman acaba por tornar-se um devoto seu e simboliza o Discípulo perfeito, pleno de humildade, de amor incondicional pelo seu Mestre e puro de intenções.



Representação de Hanuman. Pxfuel

Sugriv promete assistência a Rama se este o ajudar a recuperar o trono, que tinha sido usurpado pelo seu irmão Bali.

Rama acede e recupera o reino para Sugriv e este, sem demora, envia vários grupos de macacos por todo o território em busca de pistas sobre o paradeiro de Sita.

Hanuman é quem, utilizando a sua capacidade de voar para atravessar o oceano, consegue encontrar Sita na ilha de Lanka.

Ele pretende libertá-la oferecendo-se para a transportar pelos ares, mas Sita refere que somente Rama a pode libertar. Ou seja, a alma somente pode ser libertada da sua prisão material pelo Eu Superior.

Antes de ir embora, Hanuman apresenta-se a Ravana e pede-lhe que liberte Sita, mas o demónio prende-o e ordena que lhe incendeiem a cauda. Sabendo-se invulnerável ao fogo, o fiel guerreiro deixa que isso

<sup>12</sup> Valmiki, *Ramayana*, tradução de Eleonora Meier, 2015, p. 48.

aconteça e depois liberta-se incendiando Lanka no seu trajeto de fuga.

Aqui vê-se como o Ego, movido pela sua sensação de força e pelo seu sentido de posse, não aceita ceder. Ele quer conquistar e esmagar todos aqueles que se oponham aos seus desejos e ambições. Tal como Duryodhana no *Mahabharata*, Ravana pensa que consegue tudo e que não há nada que o detenha. Tomado pelo seu orgulho sente-se poderoso e invencível. Na sua cegueira toma uma decisão extremada que resulta no grande incêndio do seu reino.

Hanuman chega ao continente e conta o que aconteceu a Rama e este dirige-se com o exército de macacos para o ponto de onde poderão partir para Lanka.

Ali chegado depara-se com um problema: como atravessar o mar de modo a atingir as costas de Lanka? Rama recebe a informação de que deveria rezar ao deus do mar para obter os seus favores. Ele passa 7 dias e 7 noites em oração e ao 8.º dia o deus aparece. Diz a Rama para colocar o seu nome escrito em pedras e para lança-las ao mar que elas iriam flutuar.

Imediatamente, o herói e os seus aliados lançam-se ao trabalho e conseguem construir uma ponte de pedras até à ilha.

Ravana apercebe-se destas movimentações e prepara-se para a guerra.

Este conflito não é muito diferente daquele que coloca frente a frente Pandavas e Kuravas no *Bhagavad-gita*. De um lado estão as forças que representam as virtudes humanas e as forças espirituais; do outro encontram-se as forças da ignorância, do egoísmo e do materialismo, ambas presentes no interior do Homem. Este é um confronto inevitável, pois mais cedo ou mais tarde a consciência desperta para a dualidade existente no ser humano. Os dois elementos da dualidade poderão coexistir durante um tempo, mas num determinado momento terá que haver uma escolha: a via espiritual ou a material.

Durante vários dias os dois exércitos lutam entre si, num confronto intenso e titânico.

Numa das noites, após um dia de combates, Rama pede que sejam feitas as cremações de todos os corpos, incluindo as dos inimigos.

Lakshmana questiona-o sobre isto, pois que sentido tem fazer a cremação dos corpos daqueles que pretendem fazer o mal?

Como resposta, surge um grande ensinamento daquele que vê mais além das formas. Afirma Rama que depois de mortos todos são humanos e que todas as almas resultam do mesmo molde. É na vida encarnada que surgem as diferenciações, as oposições, os conflitos. Continua Rama dizendo que ele luta pela justiça, para que irmão não levante armas contra outro irmão. Ou seja, se a maldade e a violência estão presentes no coração humano, há que lutar para eliminá-las, arrancar essas sementes de modo a que jamais germinem para que no interior dos Homens possa florescer a Concórdia, o sentimento que une com um fio invisível os corações humanos.

Vendo-se a perder a guerra, pois os seus melhores guerreiros vão sendo sucessivamente eliminados, Ravana decide acordar o terrível e colossal Kumbhakarna. Este permanecia em estado de adormecimento durante meses. Acordá-lo não era uma tarefa fácil devido ao seu imenso tamanho e à profundidade do seu sono. Mas o gigante é acordado com sucesso.

Kumbhakarna era extremamente poderoso e está relacionado com a força bruta. Também simboliza a energia de *Tamas*, a inércia, difícil de ser colocada em movimento, mas que quando é posta em ação tende a passar para o extremo oposto, ou seja, uma ação impetuosa e difícil de controlar, aquilo que na Índia antiga chamavam de *Rajas*. Mal entra em combate começa a desbaratar o exército de Rama, apesar do esforço dos soldados em oporem-se a tão temível inimigo.

Hanuman, utilizando o seu poder de crescimento, tenta travar o maléfico guerreiro de Ravana, mas



Os demónios tentam acordar o gigante Kumbhakarna, batendo-lhe com armas e gritando-lhe aos ouvidos, séc. XVII. Public Domain

não sem antes lhe entregar os corpos dos seus dois filhos, Kumbha e Nikumbha, mortos em combate. Um gesto de respeito a que o próprio demónio não fica indiferente, agradecendo a atenção. Por aqui se vê a grandeza de sentimentos que um guerreiro deve ter. Ele não deve odiar o seu adversário, mesmo que este esteja do lado da injustiça. Um guerreiro combate por Amor e por Justiça e isso deve-se manifestar nos seus sentimentos e nos seus atos.

Apesar dos seus esforços, Hanuman não consegue travar Kumbhakarna. O Ego é poderoso, não cede perante qualquer elemento que surja à sua frente. Só o Eu Superior tem a capacidade para o confrontar e o submeter. É a Rama que cabe o papel de derrotar Ravana.

O herói apresenta-se para o combate e após alguns golpes trocados consegue cortar a cabeça do maléfico rei, mas esta começa a crescer novamente, o que dá origem, depois às múltiplas cabeças de Ravana onde ele exhibe todo o seu poder. Simboliza isto a multiplicidade do Ego, os seus muitos desejos

e apegos. O facto de uma cabeça ser cortada e renascer relaciona-se com a dificuldade de erradicar os desejos, pois mesmo quando o Homem pensa ter eliminado um deles, este tem a capacidade de se regenerar e multiplicar-se.

Percebendo que essa não era a forma de matar o demónio, Rama arremessa a sua arma mágica chamada *Sudarshana Chakra* contra o tronco de Ravana, cortando-o ao meio.

Esta arma está associada a Vishnu, e numa versão, terá sido oferecida por Shiva a este deus. Diz a história que quando Vishnu adorava Shiva oferecendo-lhe 1000 flores de lótus, este último, para testar o primeiro, escondeu uma das flores. Para poder completar a oferenda Vishnu colocou no altar um dos seus olhos. Isto faz alusão ao próprio nome do astra, já que *Sudarshana* quer dizer “Boa Visão”.

Assim sendo, indica que para erradicar o Ego há que ir mais além do óbvio, os desejos (as cabeças) que se manifestam no ser humano e ir atrás das causas que

estão por trás deles. Pois da mesma maneira que uma árvore nutre os seus ramos através da seiva que percorre o seu tronco alimentado pelas raízes, também os desejos são alimentados pelas fraquezas e debilidades humanas.

É curioso que Ravana tenha sido cortado na zona da cintura porque é aí que segundo as artes marciais japonesas se encontra o *hara*, o reservatório de energia vital e, também, o centro de gravidade do corpo. Muitos movimentos marciais devem partir deste ponto, indicando que a pessoa deve-se movimentar a partir do centro do seu próprio ser. Ao apontar a essa zona Rama aniquilou a fonte de energia vital de Ravana.

Após a derrota de Ravana, a paz é restaurada. Lanka fica sob o governo de um novo rei e Rama parte na companhia de Sita e Lakshmana para Ayodhya, o seu reino.

O Eu Superior conseguiu resgatar a alma e os dois podem partir para o seu lugar de repouso, o palácio

real, símbolo do Mundo Ideal, ou Mundo Espiritual, onde os justos podem repousar.

*Ramayana* resulta numa animação bem conseguida, fruto de um esforço por alcançar a síntese deste extenso épico indiano de modo a apresentá-lo numa narrativa cinematográfica que não fosse aborrecida e longa.

A sua leveza encanta e a profundidade dos seus ensinamentos sensibiliza a alma de qualquer um.

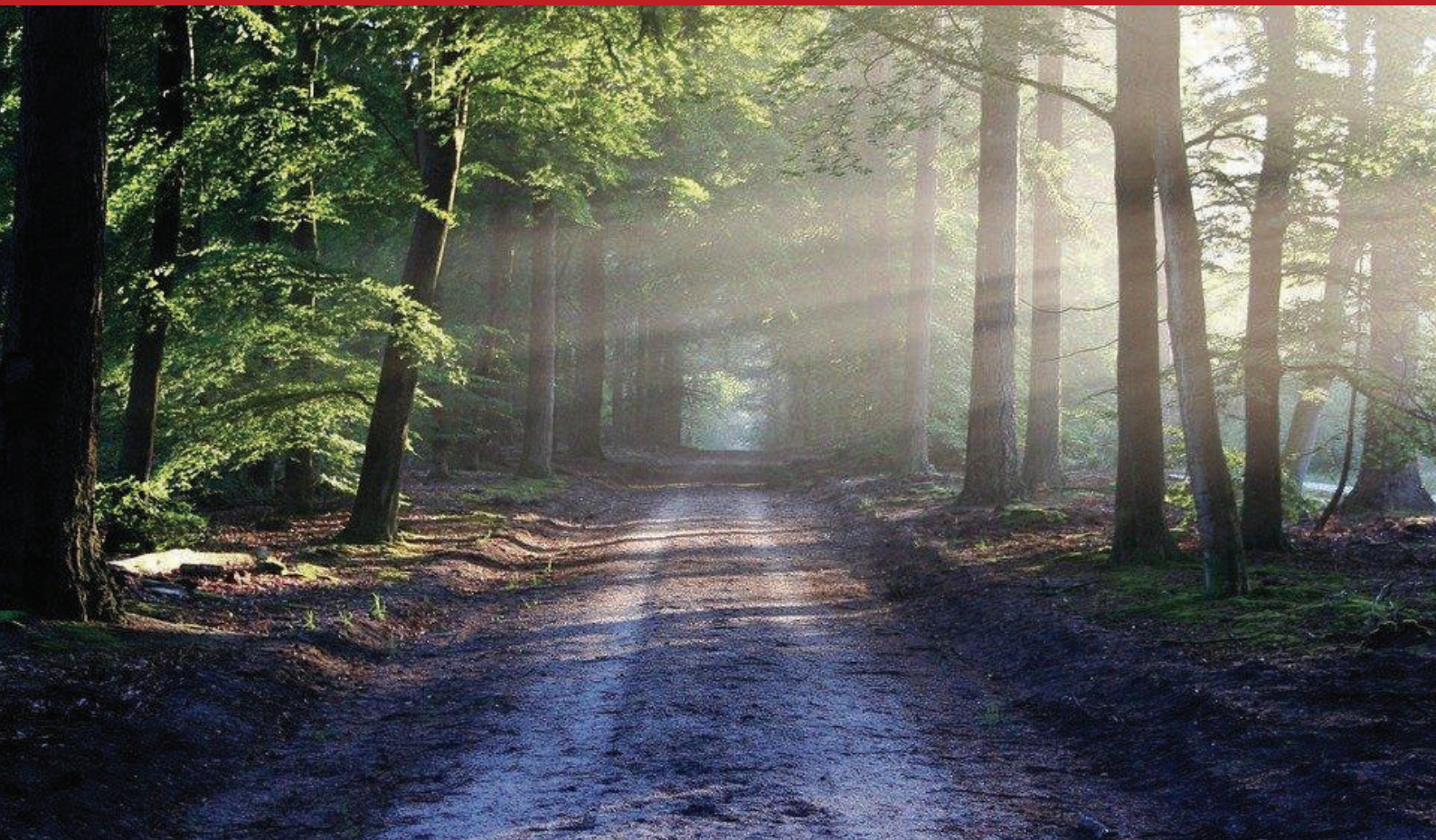
Um filme que vale a pena ver e rever, sem dúvida.

#### **Bibliografia:**

<http://www.ancient-symbols.com/hanumam>

<http://www.hinduwebsite.com/symbolism/ramayana>

<http://detecher.com/powerful-weapons-of-lord-vishnu-and-his-avatars> Valmiki, *Ramayana*, tradução de Eleonora Meier, 2015.



O caminho. Pixabay

# YOGA: A CIÊNCIA DA ALMA

*Por G. R. S. Mead (1863 – 1933) – 3ª Parte*

**ORIGINALMENTE PUBLICADO NA REVISTA THE PATH DE AGOSTO DE 1892.**

**TRADUÇÃO DO AGNIMILE: CÍRCULO DE ESTUDOS ORIENTAIS**

Ora, o objetivo de toda a religião parece-me ser o da união do homem com a Divindade, por qualquer meio e em qualquer sentido com que entendamos estes termos. A mais importante parte da religião, e também a parte mais facilmente compreendida por todos os homens, é o seu ensinamento ético. O motivo pelo qual isto é assim permanece-nos geralmente obscuro; de facto, o ceticismo atingiu uma extensão tal nos últimos tempos, que alguns homens de grande habilidade e inteligência negam-lhe qualquer base científica de ética, e a maioria defende a nossa impossibilidade de alguma vez sabermos o porquê de devermos seguir um preceito

ético em particular. Estes ensinamentos são para a maioria mandamentos meramente dogmáticos, ou cujas razões não possuem uma natureza explicativa, mas sim uma natureza feita de promessas ou de avisos: *faz isto, pois de outra forma não obterás a herança do reino da luz, e por aí fora.*

Ademais, a ciência superior da alma é rica em múltiplas e convincentes razões para que se viva uma vida mais pura e menos egoísta. Afirmando, como de facto faz, a possibilidade de afastar a negra cortina do sono e de abrir em dois o véu da morte, enquanto ainda estamos vivos, na própria

declaração do método através do qual estas coisas devem ser cumpridas, e sobre os instrumentos que o homem deve utilizar para gerar o seu propósito, esta demonstra ainda que a moralidade é um treino preliminar indispensável. O homem deve observar a sua própria natureza olhos nos olhos, antes que ele possa observar a face da Natureza. Se ele chegar a trilhar o solitário caminho do *Yoga*, pelo qual ele vai desviando os seus passos das fileiras dos seus companheiros, tornando-se num pioneiro auto-nomeado da humanidade, então ele deverá equipar-se com instrumentos adequados e, como nos diz em boa verdade a *Bíblia*, vestir-se «com a couraça da justiça»<sup>1</sup>. Sem estes requisitos é inútil voluntariarmo-nos para este trabalho de desbravador.

O caminho a ser seguido leva a terras desconhecidas, povoada de estranhos habitantes, um caminho interno que, de início, atravessa principalmente ao longo da região das nossas próprias criações, as quais fomos trabalhosamente trazendo à luz a todo o momento desde que tivemos corpos e mentes. Se pretendermos entrar nesta região desarmados, quer isto dizer, antes que nos tenhamos preparado através de um cuidadoso escrutínio das mais profundas fendas da nossa natureza moral, e através de uma rígida disciplina que nunca afrouxa a sua vigilância por um momento que seja, então seremos como um general num forte, liderando um exército amotinado e aliado ao inimigo do exterior, e temos que descobrir que, em boa verdade, os nossos inimigos são «aqueles da nossa própria família» e que o semelhante atrai o seu semelhante como que por uma inevitável lei da natureza.

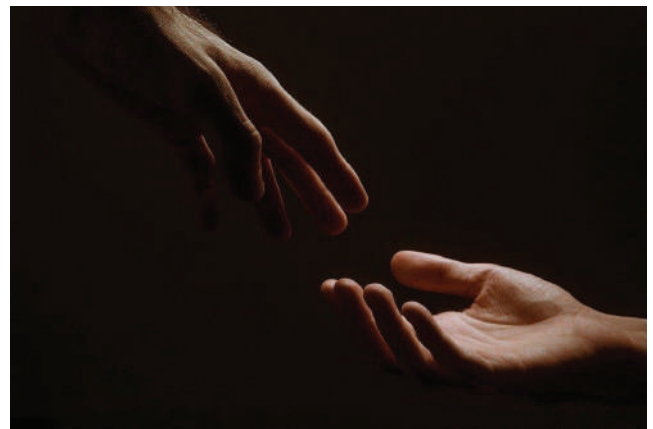


Cena de batalha no Bhagavad Gita. Public Domain

<sup>1</sup> Efésios 6.14. (N.T.)

Existe muita discussão entre certos teólogos acerca da “conversão”, e existe uma grande verdade escondida debaixo dos elementos externos que tão frequentemente fecham a ideia. Provavelmente, alguns de vós leitores, não sabem que a palavra Grega para arrependimento, que podemos encontrar no Novo Testamento e nas escrituras de muitas escolas místicas dos primeiros tempos do Cristianismo, significa, literalmente, uma «mudança de mente».<sup>2</sup> A teoria desta transformação e a história dos seus degraus místicos são tratados de forma elaborada por algumas destas escolas, e aquilo que ocorre inconscientemente num estado inferior da discussão usual, ocorre conscientemente num estado superior no Yoga. Este é o verdadeiro novo nascimento a que se referem os místicos Cristãos, e é por isto que os Brahmins (cujo termo significa realmente aqueles que são unos com Brahma, a Divindade) são chamados duplamente nascidos. Compreenderá o leitor, a partir daquilo que eu disse sobre a importância da mente no Yoga, o que significa esta mudança de mente ou arrependimento. Ora, este arrependimento tem uma natureza extremamente mística que é de difícil compreensão. Suponhamos que observamos uma série de vidas de um indivíduo como se fosse um colar de pérolas. A pérola que está mais em baixo e ao centro representará este momento de viragem em todo o ciclo de nascimentos, quando ocorre a grande mudança de mente que demonstra que a alma começa a livrar-se das atrações da matéria. Em cada nascimento sucessivo esta mudança repetir-se-á em menor escala, e podem regozijar-se aqueles a quem isto ocorre numa fase inicial da vida. Recordemo-nos apenas de que nisto não há pessoas especiais, aristocracia, privilégios ou monopólio. O caminho do auto-conhecimento, da auto-conquista e da auto-devoção está aberto a todos e em todos os momentos da vida. É indolência dizer-se: “o que me dizes é muito bom, mas não é para mim!” Não existe tempo para além do eterno presente. É indolência deixar as coisas para o futuro quando nenhum de nós sabe o que foi o nosso passado. Como é que podemos ter a certeza de que não cumprimos parte do caminho anteriormente, e que os incidentes que

vivemos ao longo do nosso atual nascimento não são apenas uma representação em pequena escala das vidas que vivemos anteriormente; que uma vez que tenhamos chegado ao ponto de viragem não tenhamos novamente de repetir todos esses esforços de ascensão que caracterizou essas vidas passadas nas quais percorremos um caminho ascendente da nossa peregrinação da alma?



Dação. Pixabay

Nenhum homem pode afirmar que determinado poder para o bem não esteja latente naqueles que são comumente entendidos como mais distintamente perversos, uma vez que a força do seu carácter tenha sido voltada na direção certa.

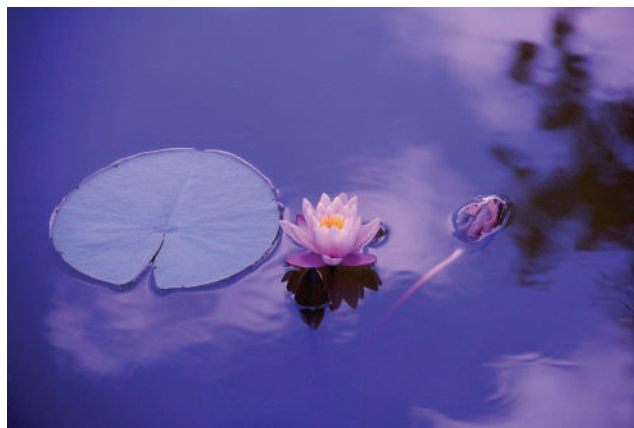
Não existe nada de histórico na religião nem no Yoga. “Escolhe neste dia os deuses que irás servir” é aplicável a todos os momentos das nossas vidas. Não existe tempo para além do presente, e apenas os ignorantes atam a sua fé aos eventos históricos.

Claro que isto não constitui nenhuma novidade. É coisa muito velha, muito antiga, mas aquilo onde desejo insistir é que isto é prático e científico, no melhor sentido da palavra; não quer isto dizer, claro está, que eu acredite de alguma forma que uma coisa necessite de ser científica no sentido usual da palavra para ser verdade, mas porque o Yoga pode fazer afirmações com tudo o que há de melhor no método científico e ao mesmo tempo transcendê-lo imensuravelmente. Precisamos de afirmar e reafirmar isto, já que as pessoas começam a afastar-se cada vez mais com medos e tremores do termo “científico”.

<sup>2</sup> Metánoia. (N.T.)

E agora, se alguém me perguntasse se eu recomendo o estudo do Yoga, a resposta seria: Se uma pessoa tentar honestamente viver uma vida moral, pura e generosa, ela está inconscientemente a treinar-se a si mesma para a prática desta ciência, e ela desenvolverá gradualmente, portanto, uma consciência da sua natureza espiritual que se desenvolverá em cognição direta, se não for neste nascimento, de alguma forma numa encarnação futura. Mas não me ficaria por aqui, pois acredito que nem a bondade sozinha nem o conhecimento por si só tornam um homem perfeito, mas que os dois devem seguir de mãos dadas até que o levem à perfeição. Como tal eu acrescentaria: Estuda por todos os meios a teoria do Yoga, e tal como para a sua prática, sujeita-te continuamente à mais penetrante análise por forma a discernir os segredos das motivações das tuas ações; observa os teus pensamentos, palavras e ações; tenta perceber porque fazes esta ou aquela coisa e não outra; está sempre de vigia sobre ti próprio. Não julgues que pretendo dizer, usa apenas a tua cabeça. De modo nenhum: usa também o teu coração na sua capacidade total. Aprende a simpatizar com tudo, a desenvolver sentimentos por toda a gente; mas para contigo mesmo sê duro como o aço, nunca perdoes uma falha, nunca procures uma desculpa. Nenhum de nós necessita de retirar-se do mundo para fazer isto; não precisamos de evitar a associação com os outros; nem sequer precisamos de fazer um “Domingo no dia”, como fazemos um Domingo na semana, no qual voltamos os nossos pensamentos para coisas superiores e durante o resto do tempo baixamos a nossa guarda. Mas ao mesmo tempo é do maior benefício a prática diária tentar e definitivamente concentrar a mente nalgum pensamento, ou nalgum objeto imaginário por forma a compreender o quão firme ela é, e o cultivar simultaneamente uma aspiração contínua e contemplativa em direção ao mais elevado ideal que em qualquer circunstância possamos conceber. Provavelmente alguns de vós poderão julgar que este conselho é mera vulgaridade, e que poderão ouvir algo muitíssimo semelhante a partir do mais próximo púlpito. Provavelmente; mas a minha resposta continua a ser, Tenta! Tenta descobrir o porquê de realizares determinada

ação, ou de pensares determinado pensamento; tenta fixar a tua mente, nem que seja por sessenta segundos; e tenta meditar nalgum ideal elevado quando estiveres sossegado e sozinho, e livre de todo o ódio e malícia; acredita em mim, não te arrependerás do esforço.



Meditação. Pixabay

Provavelmente ter-se-á apercebido o leitor do facto de eu não ter dito nada acerca das práticas mais avançadas do Yoga superior. A razão da minha omissão é a de que o tema é demasiadamente sublime e demasiadamente sagrado para que qualquer estudante, como eu, o tente fazer. As suas práticas são tão maravilhosas e as suas realizações tão estupendas que estes transcendem de forma absoluta todas as palavras e todas as descrições; e é por isto que estas práticas são invariavelmente tratadas numa linguagem simbólica e alegórica. E muito dificilmente será necessário dizer aos estudantes da Teosofia que o Yoga é a mais importante chave para a interpretação das fontes sagradas a nível global, uma chave que até a nossa mestre H.P. Blavatsky se conteve em dar. Mas nenhum de nós precisará de sentir surpresa ou ressentimento perante esta omissão, se refletirmos que foi costume imemorial o reter da chave até que o pupilo estivesse preparado para a receber. Esta não é retida por mero capricho, pois já esta não pode ser retida quando o pupilo está preparado, e aqueles que retêm a chave é como se dessem o seu sangue vital para guardar a humanidade de misérias e tristezas ainda maiores do que aquelas nas quais esta está mergulhada no presente – ainda assim, na verdade, a humanidade não conhece o seu incessante sacrifício.

É fácil compreender que o tema sobre o qual me expressei é um de enorme dificuldade; Eu poderia ter-vos apresentado um longo tratado, cheio de termos técnicos retirados de livros difíceis numa vasta biblioteca literária, mas o meu propósito foi antes o tentar demonstrar que em si mesma esta ciência da alma não está ao alcance de qualquer um, e que esta é a linha de conhecimento mais prática e mais importante que o homem herdou.

Concluindo, é bom recordarmos que existe uma condição indispensável de sucesso nesta ciência, sem a qual os nossos esforços serão um fruto do

Mar Morto. Esta deve ser praticada somente para o serviço aos outros; se esta for tentada para nós mesmos, ela provar-se-á nada mais do que uma ilusão, pois pertencerá ao “eu sou eu”, ao animal humano e pessoal, cuja característica é o egoísmo, enquanto a natureza do verdadeiro Yoga espiritual é aquela da devoção a todos os seres, de amor para tudo quanto viva e respira, e o dever do discípulo torna-se como aquele das estrelas do céu que “não recebem a luz ninguém, mas dão-na a todos”.

Companheiros, que todos nós possamos trilhar o caminho da paz!

curso



# FILOSOFIA PRÁTICA



## Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



## A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



## O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.



**PANDAVA É UMA REVISTA  
INTEIRAMENTE REALIZADA  
POR VOLUNTÁRIOS DA  
NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL**

[WWW.NOVA-ACROPOLE.PT](http://WWW.NOVA-ACROPOLE.PT)